

MICHELE CRISTINA SANTOS



1290003717



FE

TCC/UNICAMP Sa59b

**BULLYING UM FENÔMENO NOVO OU UM FENÔMENO COM
NOVO NOME?**

200823690

UNICAMP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

© by Michele Cristina dos Santos, 2008.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/Unicamp
	Sa59b
V:.....EX:.....	
TOMBO:	3717
PROC.:	129/08
C:.....D: X	
PREÇO:	11,00
DATA:	09/10/08
Nº CPD:	445824

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sa59b	<p>Santos, Michele Cristina dos Bullying um fenômeno novo ou um fenômeno com novo nome? / Michele Cristina dos Santos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Relações de poder . 2. Bullying. 3. Escolas. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>08-156-BFE</p>
-------	--

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MICHELE CRISTINA DOS SANTOS

**BULLYING UM FENÔMENO NOVO OU UM FENÔMENO COM
NOVO NOME?**

**Trabalho de Conclusão de Curso
PEFOPEX- PROGRAMA DE
FORMAÇÃO PARA
PROFESSORES EM EXERCÍCIO
da Universidade Estadual de
Campinas-Unicamp. Orientador
Prof.Dr. Guilherme Val Toledo
Prado. Realizado pela Aluna
Michele Cristina Santos.**

CAMPINAS

2008

*Todo sistema de educação é uma maneira política
de manter ou de modificar a apropriação dos discursos,
com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.*

Michel Foucault

DEDICÁTORIA

A minha família minha mãe e ao meu pai, em especial a minha filha e o meu esposo que souberam com paciência e carinho me confortar dos momentos de ausência, sempre me dando apoio para continuar meu crescimento intelectual.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, sem ele não existiria minha vida.

A amiga Elaine Cardoso que nos momentos difíceis e desanimadores com sua amizade e significativas conversas não me deixaram esmorecer, mesmo quando só falta duas horas para o sábado.

Aos queridos (as) alunos (as), pois foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Agradeço a toda a minha família.

O professor e orientador Guilherme Val Toledo Prado pelo apoio na confecção deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo ilustrar a todos os professores o problema da violência verbal, física, psicológica que ocorre dentro das escolas. Este comportamento agressivo intencional que envolve poder e força que vem sendo chamado de Bullying.

A violência sob o olhar do Bullying é um conceito relativamente novo, mas trata-se de uma nova roupagem, para conceitos existentes em nossa sociedade desde os primórdios da humanidade.

E como nós professores somos detentores de poder e muitas vezes sem tal compreensão desde poder.

Palavras –chaves - Relação de Poder - Bullying - Escola

METODOLOGIA

A pesquisa realizada deu por intermédio de leituras de livros e periódicos, será de caráter bibliográfico sobre o tema. Onde serão investigados os pensamentos de alguns autores a respeito do tema abordado. A pesquisa terá o momento da observação, levantamento bibliográfico e da análise de conteúdo.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa, de natureza exploratória, tentou descobrir relações entre fenômenos, não só para conhecê-las, mas também para complementar os dados advindos de outras fontes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
1. CAPITULO I-VIOLÊNCIA	
1.1-CONCEITO O QUE DIZ ALGUNS AUTORES	12
1.2-TIPOS DE VIOLÊNCIA	15
1.3-OS TIPOS DE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS	22
2. CAPITULO II-BULLYING??	
2.1-BULLYING	34
2.2 - O QUE É BULLYING?	34
2.3 - TIPOS DE BULLYING.	36
2.4 - O QUE DIZ CLEO FANTE SOBRE BULLYING NO BRASIL.	42
3. CAPITULO III-RELAÇÃO DE PODER	
3.1- RELAÇÃO DE PODER.	48
3.2- PANAPTICON OU ESCOLA,OU SERÁ A ESCOLA UM PANAPTICON?	51
3.3- HANNAH ARENDT COMENTA SOBRE VIOLÊNCIA E PODER.	59
4. CAPITULO IV-OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA	
4.1-OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA	65
4.2-OUTRAS SITUAÇÕES.	71
CAPITULO V – O QUE DIZ OS AUTORES SOBRE OS RELATOS.	
5.1 O QUE DIZ OS AUTORES SOBRE OS RELATOS	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA OU BIBLIOGRAFIA	86

APRESENTAÇÃO.

A escola é uma arena onde grupos sociais lutam por legitimidade e poder.

Dinair Leal da Hora

Desde o momento que ingressei para curso de Pedagogia tinha em mente que o meu TCC (trabalho de conclusão de curso) tinha que ser algo que fizesse parte da minha vida, da minha prática, pois sou professora de educação infantil, trabalho com crianças de 3 a 6 anos, mas não tinha bem formado o qual seria o assunto tratado para pesquisar no TCC. No primeiro momento pensei em realizar um estudo sobre atividades diversificadas "cantinhos", mas isso não me cativava, foi quando professores como Roseli Cação, Anna Regina Lanner Guilherme Val Toledo começaram a nos questionar sobre nossa prática, nos enchendo de questionamentos, de tantos "porquês", muitas vezes sai da aula com um monte de questão sobre a minha prática, foi quando que observando o meu diário de sala (sou professora e tenho um caderno onde anoto todas as observações das crianças diariamente) constatei que havia muitas observações de comportamento de crianças, também que havia vários questionamentos meus, de crianças excluído crianças, com "brincadeiras", como xingar uma colega de "baleia", "burro" ou batendo em um colega e saindo correndo e com isso muitas destas vezes eu querendo entender por que de tal comportamento.

Sou professora, trabalho em uma escola de educação infantil, numa escola com aproximadamente 30 professores (homens e mulheres), em uma das reuniões mensais que acontece na escola, para discussão de planejamento, eu estava conversando com uma colega, e contando sobre as minhas preocupações com o comportamento das crianças cada vez, mas agressivos e violentos. Esta colega me disse, que isso que estava acontecendo com as crianças se chama bullying, uma violência psicológica, me lembrou do caso de Columbine onde adolescentes invadiram o colégio onde estudavam armados, mataram colegas e professores e terminaram por cometer suicídio e

a mídia enfatizou várias vezes que se tratava de bullying, pois eles sempre foram mal tratados na escola.

Onde há mídia divulgou bastante o tema “bullying”, através de umas matérias sobre jovens que ignorados humilhados pelos seus colegas de escola acabavam cometendo assassinados e suicídios.

*Notas da imprensa sobre o caso Columbine,
Manchete: "Ataque à escola Columbine, em 1999, deixou 15 mortos"
Eric Harris, 18 anos, e Dylan Klebold, 17, dois estudantes da
escola, mataram 12 colegas e um professor, deixaram outras 23
pessoas feridas e cometeram suicídio, totalizando 15 mortos.
<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/>*

Neste momento comecei a me interessar pelo assunto, foi quando que a autora Cleo Fantes, pesquisadora sobre o assunto bullying, esteve em na minha cidade Paulínia para uma palestra sobre o assunto Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar pela paz, mesmo nome do seu livro.

Ao começar a palestra ela já deu a definição de bullying que também encontra do seu livro *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*

“Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento Bullying”.(FANTE, 2005, pp. 28, 29).

Cada vez mais passei a questionar qual o papel da educação infantil, como eu professora de Educação Infantil podia ajudar as crianças

vítima e agressora de bullying. Então levei o meu tema para o meu orientador. Professor Guilherme “Tema: bullying”

Foi então que o Profº Guilherme me questionou: “Bullying é um fenômeno novo?” Ou fenômeno com nome novo?

Foi então que ele me fez vários questionamentos como: o que você entende por bullying? Bullying só começou aparecer na escola nos últimos anos? Comecei a perceber que Bullying se trata de violência, mas com nova “roupagem” e uma nova abordagem para o assunto violência na escola.

Qual foi minha surpresa que a bibliografia sobre o tema no Brasil é muito escassa poucos pesquisadores se dedicaram ao tema no Brasil, a maioria dos livros são de língua estrangeiras e raras as suas traduções. Então o meu orientador pediu que começasse as minhas pesquisas sobre o enfoque violência e somente depois fosse especificamente para leituras sobre bullying.

Nesta pesquisa o desfecho se dará da seguinte maneira,

- CAPITULO I VIOLÊNCIA (DEFINIÇÕES)
- CAPITULO II BULLYING
- CAPITULO III RELAÇÕES DE PODER????
- CAPITULO III OBSERVAÇÕES DE SALA DE AULA
- CAPITULO IV
- CAPITULO V CONSIDERAÇÕES FINAIS
- CAPITULO VI BIBLIOGRAFIA

CAPITULO I-VIOLÊNCIA

1.1-CONCEITO O QUE DIZ ALGUNS AUTORES.

A violência está cada vez maior. Houve extensão considerável de seu campo semântico que inclui: violência física (a tradicional, talvez a única reconhecida por todas as culturas), a do trânsito, a das prisões, a contra mulheres e crianças (nascidas e não-nascidas), a social que atinge certos segmentos da população (discriminações), a política (de modo especial, o terrorismo), a estrutural (que caracteriza uma sociedade injusta), a simbólica etc.

Para melhor entender, o bullying iniciei este trabalho pela definição de violência elaborada por alguns autores.

“Se expandirmos a definição de violência, correremos dois riscos: primeiramente, o risco epistemológico de hiperampliar o problema até torná-lo impensável, e em segundo lugar, o risco político de vir a criminalizar padrões comportamentais comuns, ao incluí-los na definição de violência. Por outro lado, uma definição excessivamente limitada pode excluir a experiência de algumas das vítimas, ignorando o fato de que a pior violência deriva da microviolência”. (Debarbieux e Blaya pp60)

Segundo Guimarães, a palavra violência é carregada de grande abrangência, um fenômeno difícil, multifacetado, um conceito onde muda com os períodos da humanidade e com os valores atribuídos. A violência apresenta-se de forma diferenciada de acordo com a cultura, normas e valores de uma sociedade.

Etimologicamente, o termo violência vem do latim, “violentia”, que significa violência, caráter bravo. Tais significados estão constantemente relacionados a uma forma de força ou potência, que agride, transgride algo ou alguém.

Michaud (1989) afirma que violência “a força se torna violenta quando passa da medida ou perturba uma ordem”.

No dicionário Aurélio VIOLÊNCIA –violência do latim. Violentia, qualidade de violento. Ato violento. Ato de violentar. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coerção.(Ferreira pp.2076)

Westphal define violência como:

“A violência pode ser definida, para efeitos operacionais, pelo uso da força com vistas á exclusão, ao abuso e ao aniquilamento do outro, seja este outro um individuo, um grupo, um segmento social ou um país. A violência contra a criança e o adolescente constituir-se em todo ato ou omissão de pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar danos físicos, sexual e/ou psicológicos a vítima” (Westphal pp95).

Para Abramovay, violência é a:

“Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito (disfarçada sob a denominação de” acidentes “), além das diversas formas de agressão sexual. As violências podem ser agressões físicas, homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas - aquelas armas que ferem, sangram e matam” (Abramovay, 2002 pp.73).

O que podemos observar é que a violência está por toda parte, ela não tem nem sujeitos reconhecíveis, nem origens, acontece nas mais diferentes relações sociais, até mesmo nas escolas, local este que pensamos isolado, neutro e o aumento da violência produz cotidiano de angústia, insegurança e de medo.

Camacho (2001) explica que as variedades de conceitos são justificadas por dois motivos: o entendimento da violência muda nos diferentes períodos da existência da humanidade e as pessoas compreendem este tema de acordo com os seus valores e sua ética.

Segundo Ortega “a violência é uma produção humana gerada no curso da vida de relações criadas pelas pessoas no âmbito de seus ambientes imediatos, mas também nos ambientes menos diretos”.

De acordo com que Sorel observou há 60 anos atrás, que os problemas da violência ainda permanecem obscuros ainda é tão verdadeiro hoje com antes.

Mas *“precisamos ter atenção, pois há perigo maior da banalizando da violência é o risco de transformá-la em um valor cultural, assimilando-a como modo de auto-afirmação”*. (Paredes apud Levisky, pp18).

Segundo Ballion apud Debarbieux a definição de violência são todos os abusos, ameaças, intimidações, agressões físicas, danos ou destruições de seus pertences.

Existe violência explícita quando há ruptura de normas ou morais sociais estabelecidas a esse respeito: não é um conceito irrestrito, variando entre a sociedade. Por exemplo, rituais de iniciação.

“(...) há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsas, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais” (Schilling, Pp38).

A definição de violência perpassa pela vítima ou pelo observador fora da situação, uma ação só ganha conotação de violência quando percebida como tal pelos indivíduos, pois nem toda agressividade é violência, mas toda violência é sim agressiva.

Violência, em sentido amplo, é qualquer comportamento ou conjunto de comportamentos que aponta causar dano à outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso exagerado de força, além do necessário ou esperado.

1.2-TIPOS DE VIOLÊNCIA

A ciência hoje conclui que a violência é determinada pela complexa combinação entre fatores externos e características inatas do ser humano.

Também foi possível observar que os pesquisadores do tema fazem divisões sobre a violência. São vários os estudos sobre a questão da violência, principalmente as várias formas apresentadas: desde as agressões físicas, verbais explícitas ou implícitas, a depredação, as diversas ameaças, a indisciplina, até a apatia nas relações, os confrontos velados, etc.

Vários autores destacam que o tema da violência tornou-se evidentes, na década de 90, quando passou a ocupar um espaço de destaque na mídia, dos acadêmicos em suas pesquisas. Atingindo as conversas cotidianas nas casas, na rua, na escola, na televisão, ou seja, passou a fazer parte relações sociais.

Embora a forma mais evidente de violência seja a física, existem diversas formas de violência, caracterizadas particularmente pela variação de intensidade, instantaneidade e duração.

- **Violência física**¹

Algumas formas de violência, especialmente a violência física, a agressão propriamente dita, causando danos materiais ou fisiológicos, caracterizam-se pela intensidade comparativamente alta, assim como pela instantaneidade. Porém tendo pouca perenidade. Existem inúmeras variações da violência física (ou ainda, sub-variedades), como o estupro, o assassinato e ou o antigo (e desusado) duelo.

- **Violência política**²

¹ Informações retiradas do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

É a violência política; esta foi relacionada no passado a atentados e assassinatos. O terrorismo (que deve ser entendido como violência física e política, simultaneamente) contribuiu para "democratizar" a violência política. Outra forma de violência política é a imposição de ideologias. A violência revolucionária pode ser considerada uma variação da política; envolve a de uma situação social, como nos casos específicos das revoluções.

- **Violência contra a mulher** ³

Em todas as sociedades existe a violência contra a mulher. Dados Mundiais da OMS (Organização Mundial da Saúde), e nacionais (Brasil), indicam números chocantes sobre este tipo de violência. Qualquer ato violento que cause em dano ou sofrimento de natureza física, sexuais ou psicológicas. Incluindo ameaças, a repressão ou a privação de liberdade, na vida pública ou privada. A violência contra a mulher engloba várias formas de violência, inclusive psicológica, não só o estupro. A violência contra a mulher é em geral, é praticada pelo marido, namorado, ex-companheiro.

- **Violência infantil** ⁴

Trata-se de uma forma cruel de violência, pois a vítima é incapaz de se defender. Um exemplo é o abuso sexual de crianças por pedófilos.

A pedofilia é uma atração sexual de um indivíduo adulto está dirigida primariamente para crianças pré-púberes ou ao redor da puberdade. A palavra pedofilia vem do grego παιδοφιλια < παις (que significa "criança") e φιλια ("amizade"). A pedofilia, por si só, não é um crime, e sim um desvio psicológico e sexual. A pessoa pedófila passa a cometer um crime quando abusa sexualmente de crianças ou incentiva a produção de pornografia infantil.

- **Violência Espontânea x Institucional** ⁵

Há uma grande diferença entre: violência institucional e violência espontânea. A institucional trabalhada e cuidadosamente adaptada à situação

² <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

⁵ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

é empregada por grupos sociais de maneira sancionada, ou pelo menos é tolerada sem grandes problemas; a outra causa é constituída de pequenos atos e provocações, e às vezes causa vergonha e arrependimento quase que imediatamente após cessar. A violência institucional usa-se da propaganda (ou da comunicação social) para vender uma suposta "naturalidade", visando maior aceitação.

- **Violência cultural** ⁶

A violência cultural é pouco conhecida, e constitui na substituição de uma cultura por um conjunto de valores importados e forçados. O exemplo clássico é a europeização dos indígenas americanos, principalmente nas regiões onde se instalaram missões católicas (América do Sul, México). Mais recentemente muitas missões religiosas (essencialmente as cristãs) podem danificar a estrutura de tribos mais primitivas, provocando em longo prazo um esfacelamento de sua identidade cultural. É um tipo de violência intensa, perene e de pouco instantânea.

- **Violência na mídia** ⁷

Televisão importante foco de violência. Já foram realizados diversos estudos sobre a relação entre violência na mídia e comportamento agressivo, são apontados como irradiadores destes comportamentos, na medida que poderiam influenciar um indivíduo ou grupo. (Freedman, 1984).

- **Gênero** ⁸

Os homens são mais violentos em praticamente todas as culturas; homens matam homens de 20 a 40 vezes que mulheres matam mulheres especialmente homens jovens entre 15 e 30 anos de idade (Daly & Wilson, 1988).

- **Distúrbios de personalidade** ⁹

⁶ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

Cerca de 7% dos homens jovens cometem 7% de delitos violentos repetidos (Wright, 1995). Avaliações psicológicas demonstram um perfil de personalidade distinto nesses indivíduos, que tendem a ser impulsivos, ter baixo nível de inteligência, ser hiperativos e com déficit de atenção (Holden, Science, 2000). Parte deles são considerados psicopatas (Hare, 1993; Lykken, 1995; Rice, 1997). Essas características emergem no início da infância, persistem ao longo de toda a vida e são em grande medida hereditários, embora de modo algum o sejam completamente (Pinker, 2004).

- **Predisposição inata à violência**¹⁰

Em todas as culturas, brincadeiras violentas surgem espontaneamente, especialmente entre meninos, logo depois que as crianças começam a andar, com comportamento agressivo ocorrendo em cerca de metade deles aos dois anos de idade (Holden, Science, 2000).

Essa predisposição inata é facilmente explicável pela necessidade da seleção dessa característica durante a evolução da nossa espécie. Somos todos descendentes de indivíduos que souberam caçar efetivamente, que venceram a competição sexual, que sobreviveram a guerras tribais e a todos os aspectos da violência.

- **Violência psicológica.**¹¹

Sempre ao pensar sobre a palavra violência vem à noção de força não podemos esquecer que a violência que não envolve força física, magoar xingar. Ações que comportam humilhações, vergonha discriminação, são consideradas condutas violentas.

A violência psicológica consiste em um comportamento (não-físico) especial por parte do agressor. Seja este agressor um indivíduo ou um grupo específico num dado momento ou situação.

Muitas vezes, o tratamento desumano tais como: rejeição, depreciação, indiferença, discriminação, desrespeito, punições (exageradas)

¹⁰ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

¹¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

podem ser consideradas um grave tipo de violência. Esta modalidade, muitas vezes não deixa marcas visíveis no indivíduo, mas podem levar a graves estados psicológicos e emocionais. Muitos destes tratamentos podem se tornar irrecuperáveis em um indivíduo de qualquer idade.

As crianças são mais expostas à violência psicológica, tendo em vista que dispõem de menos recursos que lhe garantam a proteção. O ambiente familiar e a escola tem sido os locais mais citados. Pais e parentes próximos podem desencadear uma situação conflituosa. Na escola, os colegas, professores ou mesmo o sistema escolar podem ser os causadores de situações de constrangimento.

Os adolescentes também são vítimas da mesma situação.

Mesmo indivíduos adultos podem sofrer as mesmas conseqüências nocivas. Um exemplo claro disto são as situações de assédio moral. Assédio moral é a exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho.

Em geral, provocam ações humilhantes ao profissional ou o cumprimento de tarefas absurdas e impossíveis de realizar, para gerar a ridicularização pública no ambiente de trabalho e a humilhação do profissional.

Ou ficam denegrindo a imagem do profissional com humilhações, muitas vezes mentiras. E para conseguir adeptos e ganhar força as perseguições morais arrumam aliados. Para que consigam pessoas que os apoiem eles passam de perseguidores a vítimas.

- **Violência verbal.**

A violência verbal consiste em agredir diretamente sem uso de força física. Um agressor pode agredir pelo que diz ou pelo que não diz.

Um agressor verbal pode também ofender moralmente o agredido. Criticando o seu trabalho, o corpo, ou a forma de realizar determinadas tarefas.

Normalmente afetam indivíduos em situações especiais, e não raro acompanham-se de violência física.

Falta de respeito, manifestada por meio de insultos, principalmente as mães, xingamentos, gera violência. As discussões e bate bocas, entremeados de injurias, vão provocar depois, na saída da escola briga com agressões físicas.

As agressões verbais são em disparadamente mais sentidas pelas meninas. Os xingamentos magoam principalmente as meninas, mas vem se notando maior aumento de ocorrência de brigas entre as meninas.

Para professores as algumas atitudes são consideradas violentas, mas para os alunos são somente brincadeiras isso mostra a banalização das agressões pelos alunos.

- **Violência escolar.**

Segundo Charlot existe ainda a violência à escola, que está ligada aos atos contra a escola; são casos em que alunos provocam incêndios, ameaçam, insultam ou agredem os professores ou funcionários da escola.

Segundo Charlot a dificuldade em definir violência escolar não somente porque esta remete aos fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, mas também porque desestrutura as representações sociais que tem valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refugio de paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático) (Abramovay, 2002, pp72).

Para Charlot a três categorias de violência escolar.

1ª- violência de golpes, ferimentos, roubos, crimes.

2ª- violência de incivildades humilhações, palavrões, falta de respeito.

3ª- simbólica- violência das relações de poder.

“A violência nas escolas podem estar relacionados com os alunos, dificuldades em lidar com estudantes de camada

sociais diferentes, despreocupação ou falta de conhecimento no transmitir a utilidade daquilo que ensinam” (Paredes, pp18).

Violência escolar não se constitui como um fenômeno recente (como o professor Guilherme já havia comentado), mas nos dias atuais se tornou um problema social, além de um importante objeto de reflexão. A violência escolar é matéria apresentada diariamente na mídia, fazendo com que se torne um problema que afeta todas as relações e instituições sociais.

“Devemos perguntar por que a escola, hoje, não está mais ao abrigo de violências que outrora eram detidas em suas portas”, e o que “legalmente” pode a escola fazer face a essas situações, alerta Charlot.

Paredes citando Vettenburg, diz que a violência escolar é um fenômeno de múltiplos fatores:

- ✓ *Fatores relacionados ao ambiente familiar.*
- ✓ *Fatores interpessoais.*
- ✓ *Fatores escolares (como fatores de diálogo entre professores e alunos).*
- ✓ *Fatores de contexto social.*
- ✓ *Fatores relativos aos meios de comunicação de massa (televisão)*
- ✓ *Fatores relacionados ao desenvolvimento do país ou da região que mora*
- ✓ *Fatores de políticas públicas.*

Para Bernard Charlot, definir e delimitar as fronteiras da violência escolar é difícil, pois o significado de violência não é consensual. O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, discentes), da idade e, provavelmente, do sexo (Abramovay apud Charlot 2002).

A autora traz uma definição clara entre os dois termos, circunscrevendo:

A “violência escolar” como aquilo que acontece dentro da escola e a afeta diretamente (deprecação, vandalismo, roubos), sendo, portanto, o espaço geográfico da escola o local onde ocorrem às ações violentas contra a própria

instituição. A “violência na escola” aparece, para a autora, como aquilo que é “decorre de um padrão de sociabilidade, das relações interpessoais que hoje atingem a escola tanto pública como privada. Trata-se tanto de uma série de práticas que compreendem os alunos e seus pares, crivadas pela formação de grupos que podem ou não se enfrentar de modo belicoso, como compreendem agressões físicas e verbais por meio de ameaças a professores e funcionários”. (Abramovay, 2002 pp.252).

1.3 OS TIPOS DE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS

Outras denominações sobre a violência praticadas nas escolas.

Ainda não existe termo equivalente em português, mas alguns psicólogos estudiosos do assunto o denominam "violência moral", "vitimização" ou "maltrato entre pares", uma vez que se trata de um fenômeno de grupo em que a agressão acontece entre iguais — no caso, estudantes. Como é um assunto estudado há pouco tempo (as primeiras pesquisas são da década de 1990), cada país ainda tem de encontrar uma palavra, em sua própria língua, que tenha esse significado tão amplo.

Ainda, para Charlot devemos diferenciar entre violência e incivilidade. Os especialistas brasileiros já vinham alertando a necessidade de distinguir a violência. O termo violência para os franceses deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou que ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de drogas na escola, insultos graves, bullying (veremos no decorrer do texto).

Blaya apud Dûpaquier (1999) refere-se a:

✓ Delitos contra objetos e propriedades (quebra de portas e vidraças, danificação de instalações etc.);

✓ Intimidações físicas (empurrões, escarros) e verbais (injúrias, xingamentos e ameaças);

✓ *Descuido com o asseio das áreas coletivas (banheiros, por exemplo);*

✓ *Ostentação de símbolos de violência;*

✓ *Adoção de atitudes destinadas a provocar medo (poder de armas, posturas sexistas);*

✓ *Alguns atos ilícitos, como o porte e consumo de drogas.*

Segundo Bourdieu (1998), a violência seria possibilitada por um poder que não se nomeia, que se deixa assumir como cúmplice e autoritário. Assim, professores não vêem, não reclamam e as vítimas não são identificadas como tais. Um exemplo seriam as manifestações de racismo, em que seria comum a cumplicidade não assumida entre jovens, adultos, alunos e professores.

Portanto, quando se estuda violência escolar, segundo Debarbieux (2002), deve-se considerar: Os crimes e delitos tais como furtos, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumo de drogas etc., conforme qualificados pelo Código Penal; as incivildades, sobretudo, conforme definidas pelos atores sociais; sentimento de insegurança ou, sobretudo, o que aqui denominamos sentimento de violência. Resultante dos dois componentes precedentes, mas, também, procedente de um sentimento mais geral nos diversos meios sociais de referência.

INTIMIDAÇÃO

Conforme outros autores também dizem que a violência não é um fenômeno recente, mas as formas de violências estão mudando com a evolução dos meios tecnológicos. Com isso, o fenômeno da violência é vivenciado mais diretamente do que em outros tempos.

A Abramovay se diz contra a violência e propõe que é preciso “*aprender a conviver*”, pois é um ato civilizatório, que demonstra a necessidade de conhecer e respeitar o outro, isto é condição fundamental para a convivência. A escola não é somente vítima da violência, ela também é geradora das suas violências sejam estas físicas (brigas, ameaças, estupros),

simbólicas (abuso de poder baseado em símbolos de autoridade) e institucionais (ligada à idéia de marginalização).

Comportamento agressivo repetitivo a mesma pessoa é vítima constantemente do mesmo agressor. Por uma ou mais razões não consegue se defender com facilidade. "*Abuso de poder sistemático*"

Segundo Morita, a intimidação não depende somente da vítima e dos agressores. Mas também dos outros integrantes do grupo, pois se houver aceitação do grupo esta intimidação será passageira.

Para Blaya (2002), estudos realizados na França e Inglaterra. Prova que a intimidação tem o maior índice de violência entre os alunos.

Uma criança pequena pode não saber o significado da palavra "intimidação", mas ela sabe quando alguém está a ser mau, a magoá-la ou fazendo-a sentir-se triste ou assustada. Existem sinais de que a criança está sendo intimidada, mesmo que ela não diga nada. Pode ser que ela não lhe conte por ter medo de piorar a situação se "contar" ou se "fizer queixas".

Frequentemente, eles podem pensar que você se vai aborrecer ou simplesmente podem sentir vergonha de envolver os pais.

Em vez de ficar à espera que lhe digam alguma coisa, pode observar se há sinais de que a sua criança está a ser vítima de intimidação - como, por exemplo, mudanças no comportamento, na atitude ou no aspecto.

As crianças que são vítimas de intimidação podem não querer ir à escola, ou podem chorar ou sentir-se doentes nos dias de escola. Pode recusar-se a participar em atividades ou eventos sociais com outros alunos. Podem, de repente, começar a perder dinheiro ou objetos pessoais, ou chegar a casa com roupa rasgada ou com pertences estragados e darem explicações que não fazem sentido.

Os adolescentes vítimas de intimidação podem também começar a falar em abandonar a escola e a deixar de fazer atividades que incluam outros alunos.

VITIMIZAÇÃO

Pesquisas mostraram que a seriedade da vitimização por colegas poder ser por longo tempo, pois os estudantes que foram vítimas de agressões por colegas apresentaram depressão e baixa auto-estima na vida adulta. Segundo Paredes há uma classificação sobre os tipos de vitimas.

Vítima física diretos-Atos de violência física como:

- ✓ Socos
- ✓ Empurrões
- ✓ Chutes
- ✓ Objetos furtados ou quebrados

Com meninas:

- ✓ Puxões de cabelo
- ✓ Beliscões

Vítimas não física:

- ✓ Gestos
- ✓ Isolamento
- ✓ Xingamentos
- ✓ Ameaças

Vítimas físicas passivas:

- ✓ A que ocorre principalmente nos corredores das escolas, não há reação por parte da vítima, somente um bate.

Vítimas não físicas indiretas:

- ✓ Ofensas escritas em paredes sobre alguém,
- ✓ Agressão é cometida na ausência da vítima e o agressor permanece anônimo
- ✓ Danos à propriedade da vítima.

Olweus relatou que a baixa auto-estima é um dos efeitos de longo prazo mais presentes nas vítimas. A auto-estima é um fator importante para o desenvolvimento psicossocial e com a baixa auto-estima o individuo tem maior propensão em usar drogas, álcool e ter distúrbios alimentares.

Segundo Paredes apud Roberts (2006), a vitimização por pares ou colegas como sendo um fio condutor importante na vida das crianças e acreditamos que pesquisas deveriam caminhar na divisão de compreender

eventos da vida. *“Cifra negra da vitimização (ou seja, o numero de vítimas desconhecidas em razão de elas não terem dado parte das ocorrências).”*

Segundo Ortega e Del Rey (2002) acreditam ser um dos fenômenos mais sérios causadores de conflitos na escola: o abuso e da vitimização, entre os próprios alunos.

“O impacto da vitimização por pares ou colegas é uma área negligenciada; a despeito do fato de pesquisas revelarem números substanciais sobre vítimas de abusos ou violência de colegas a cada ano” (Debardieux Blaya pp85).

A vitimização múltipla tem conferido considerável impacto sobre o clima escolar e o sentimento de insegurança, vimos que nas escolas inglesas comprovam que podem ser contrabalanceados por outros aspectos como a qualidade dos relacionamentos dentro da escola. Quando são fortemente vitimizados, alunos relatam mais os acontecimentos, confirmando que aqueles necessitam de mais carinho e atenção.

INCIVILIDADE.

A incivildade é aonde a educação ainda não se efetivou no conhecimento; não é indisciplina e nem violência, mas efeito da ignorância. Os sociólogos franceses entendem que a incivildade não contradiz com a lei, nem com o regimento interno do estabelecimento, mas sim, com as regras da boa convivência: a falta de respeito, uso do palavrão, a não realização dos trabalhos escolares, absenteísmo, não cumprimentar, não pedir desculpas, brincadeiras de mau gosto, empurrões, ausência de bons modos em público, ataque cotidiano ao direito de cada um (professor, funcionários, alunos) ser respeitado, etc.

A incivildade que se revela na escola não deve ser pensada sob a forma do conflito "bárbaros" X "civilizados": a incivildade não é a não-civilização, nem simplesmente a "má educação". Ela é conflito de civilidades, mas não um conflito de civilidades estranhas umas às outras e para sempre irreduzíveis e relativas. Há, antes, troca e oposição de valores, de sentimentos de pertinências diversas. . A violência dos alunos apareceu como determinada pela violência simbólica da escola e, enquanto tal, não parecia poder ser

tratada senão pela mudança global da instituição e da sociedade. Bullying ou a Lei do Mais Forte

As incivildades: caracterizam-se pelas microviolências, humilhações, falta de respeito, não se pautam pelo uso da força física, mas, podem ferir profundamente, minando a auto-estima das vítimas e fomentando um sentimento de insegurança. As incivildades consistem em atos e comportamentos considerados sem gravidade e que têm caráter essencialmente público – são, portanto, da ordem das relações entre o espaço público e os indivíduos (Correia apud Roché, 2002).

O conceito exclui tudo o que tem relação com o privado, assim como os afrontamentos violentos - mesmo aqueles com graves conseqüências para a vida social. No ambiente escolar, as incivildades muitas vezes ganham o contorno de comportamentos desafiantes por parte de alunos que procuram à visibilidade, provocando as autoridades - o que é constatado no dia-a-dia das escolas.

As incivildades são, em suma, atos que rompem as regras elementares da vida social; o que inclui as pequenas delinqüências, a agressividade, a insensibilidade em relação aos direitos do outro, os quais, apesar de se darem no nível micro da vida em sociedade, quebram o pacto social de relações humanas e as regras de convivência. E vale ressaltar que, na escola, elas raramente são penalizadas, sendo tratadas como delitos secundários ou comportamentos naturais, típicos de determinadas fases ou idade (Debarbieux, 2002).

Alunos sofrem humilhação nas escolas brasileiras, um conjunto de incivildades freqüentes no cotidiano escolar, como agressões verbais e físicas, brincadeiras muito agressivas, humilhações, indisciplina exagerada e especialmente, ameaças. Com menor freqüência apareceu um tipo específico de agressão, que é quando uma turma de alunos se reúne e bate em um colega, em geral no horário da saída da escola.

Debarbieux, conceito norte-americano de incivilidade, as incivilidades são, de início, pequenas delinquências.

Há igualmente consenso sobre o fato de que não se deve utilizar a incivilidade para subestimar a importância da insegurança sentida. Muito pelo contrário. Tudo movido a tomar seriamente a incivilidade o que se revela é uma grave degradação do clima de certos estabelecimentos, que os põe na fronteira entre a incivilidade e o delito. As incivilidades são um dos fatores explicativos essenciais em relação ao "clima dos estabelecimentos", elas permitem, por exemplo, explicar essa observação de Dubet "*O clima de indisciplina é, paradoxalmente, mais nítido que os incidentes que o fundam (...) A violência paira e ameaça mais do que é real*". . A incivilidade permite pensar as microviolências que, se acumulando, tornam inabitável o mundo dos homens

- **VIOLÊNCIA É SIMBÓLICA.**

Segundo Guimarães (1996), A violência não está ligada somente a ações físicas, mas a uma constante ameaça, medo e terror, capaz de abalar as bases mais estáticas que se avaliam sólidas, portanto a violência é simbólica.

O conceito de violência simbólica foi criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu para propor o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. "Não podemos isentar a escola como se a violência estivesse somente do lado de fora. Apontar os pais, a estrutura familiar, a estrutura econômica como responsáveis pela crueldade entre as crianças (...) à violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogênea, controladora,..., mas também porque ela é a expressão de grupos em permanente conflito". (Guimarães pp.81).

Bourdieu (1998), com o sociólogo Jean-Claude Passeron, partem do princípio de que a cultura é arbitrária, uma vez que não se ajusta numa realidade dada como natural. A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a assimilação da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor,

já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural.

O sistema simbólico de determinada cultura é construída socialmente; assim, sua manutenção é fundamental para a perpetuação da sociedade pela interiorização da cultura por todos os seus membros. Idéia talvez ligada ao fato de que a violência simbólica é menos ofensivas e danosas que a violência física e que sua incidência seja mínima aos indivíduos.

Bourdieu e Passeron explicam que a violência simbólica se expressa na imposição “legítima” e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. E acrescenta que a violência simbólica está inserida em todos os segmentos da sociedade, o Estado, a mídia e na escola não é diferente, teoricamente, através da educação o indivíduo pode tornar-se capaz de distinguir quando está sendo vítima da violência simbólica e tornar-se um ator social que vá contra a sua legitimação. Devido à realidade sócio-econômica presente, os pais vêm se distanciando cada vez mais do papel de educar seus filhos, reduzindo significativamente a idade que vão para a escola. A escola configura-se como o principal agente educativo da sociedade pós-moderna. E ao invés do que se espera a escola não vem educando para formar cidadãos e sim para legitimar o poder simbólico da classe.

O conceito de violência simbólica é fundamental para compreender não só a educação, mas também a sociedade em geral em suas relações de poder. Através da violência simbólica podemos ver perpetuada a cultura dominante inclusive nas relações cotidianas, na qual podemos ver um pai se impondo em casa à moda de um patrão (ou mãe dependendo do caso, mas coloquei pai para acrescentar como relações de gênero também se enquadram na violência simbólica), representando relações de poder calcadas na sociedade que foi educada através desses preceitos.

Essa exerce um tipo de violência sem agressão física, baseada na lei e nas regras de qualquer instituição. Mesmo sendo um tipo de violência legal e constituindo poder por meio das normas e regras, violência é praticada

pelos agentes do poder público, encarregados da manutenção da ordem e da segurança.

Mas violência simbólica é mais violenta pelo fato de ser oculta, “a forma suprema de violência simbólica se dá quando os produtos dominados de uma ordem dominada pelas forças da razão” (Debarbieux apud Bourdieu. Pp85).

Pelas ações pedagógicas dos professores exerce um tipo de violência sem agressão física, baseada na lei e nas regras de qualquer instituição. Mesmo sendo um tipo de violência legal e constituindo poder por meio das normas e regras.

Silva (1985), diz que na verdade a escola também reflete o modelo violento de convivência social. E o mais grave é que muitos educadores não a percebem como violadores dos direitos dos alunos. A presença de práticas autoritárias, repressoras e agressivas no interior da própria escola também não pode deixar de ser reconhecidas mostrando que, contraditoriamente, a escola vem atuando como agente e vítima da violência.

A escola pública brasileira, esta ignora a origem de seus alunos, transmitindo-lhes o "ensino padrão". Bourdieu e Passeron explicam este processo pela ação pedagógica, que perpetua a violência simbólica através de duas dimensões arbitrárias: o conteúdo da mensagem transmitida e o poder que instaura a relação pedagógica exercido por autoritarismo. A autoridade pedagógica que visasse destruir a violência simbólica destruiria a si própria, pois se trata do poder que legitima a violência simbólica.

Os alunos não só reconhecem seus professores como uma autoridade como também legitimam a mensagem que por eles são transmitidas, recebendo e interiorizando as informações. Isto garante uma reprodução cultural e social da classe dominante, uma vez que os professores pertencem a esta classe. Como já foi dito, a violência simbólica é estabelecida a partir do momento em que se hierarquizam os cargos na escola, pois, assim como a mensagem transmitida não é natural, esta relação hierárquica de poder também é arbitrária.

Ao debatermos sobre a violência simbólica e suas implicações na educação, temos a sensação de que é um processo irreversível e de que nada podemos fazer em relação a isto. Porém o fato de saber que somos, ao mesmo tempo, agentes e vítimas deste tipo de violência é o primeiro passo para começarmos a combatê-la.

Há a violência simbólica, é que o outro não pode responder. É a que passa pelo racismo pela discriminação. Segundo Bourdieu (2001), a violência simbólica se tece através de um poder que não se nomeia e que dissimula as relações de força e se assume como conivente e autoritário.

Reagrupar sob o termo "violência simbólica". A reprodução de uma ordem social desigual e o fraco sucesso escolar de crianças que sofrem a cultura da classe dominante por meio dos hábitos remetem a uma violência simbólica definida como "poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, ao dissimular as relações de força que estão no fundamento de sua força" (Bourdieu pp. 18).

Bernard Charlot (2002) considera que a agressividade escolar pode ocorrer em três níveis: violência física; incivildades e violência simbólica ou institucional (falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; ensino como desprazer que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios a seus interesses; imposições de uma sociedade que não sabe acolherem seus jovens no mercado de trabalho; violência das relações de poder entre professores e discentes).

Zaluar (1994) se refere os dois tipos de violência escolar: a violência física e a violência simbólica.

Para Zaluar apud Whitaker (1994): "A violência simbólica, ajuda não só a obscurecer a violência do cotidiano, como também a esconder suas verdadeiras causas".

Para Aranha (1989) a escola, ao invés de superar as injustiças sociais, é instituição discriminadora e reprodutora de violência simbólica. Ela reproduz a ideologia dominante, impedindo o desenvolvimento e a expressão

dos anseios populares. A violência simbólica é exercida na persuasão das idéias transmitidas mediante forças legítimas, instrumento de poder. Em nome da eficácia do trabalho pedagógico, são exercidos o poder e a autoridade por meio da institucionalização, reafirmando os privilégios existentes da cultura imposta e inculcando nos excluídos o reconhecimento de que são incapazes.

Para Oliveira (2003), as incivildades tomam, muitas vezes, a forma de violência simbólica e normalmente não são reconhecidas pelos profissionais da educação, seja no contexto das relações interpessoais, seja nas formas de organização do trabalho pedagógico. Manifesta-se em todos os níveis de relação dentro da escola, e não somente entre professores e alunos.

Talvez, ligada ao fato de que a violência simbólica pode ser menos ofensiva, e danosa que a violência física, e que sua incidência seja mínima, esse tipo de violência sutil ou das omissões tem permanecido indiscutido por faltar-lhe o impacto da brutalidade (Colombier apud Morais, pp19).

Para Oliveira (2003), acredita-se que a falta de percepção da violência simbólica se dê em função da ausência de uma discussão pedagógica sobre o assunto. Também ajudam a entender estes resultados, o fato de os alunos não terem percebido manifestações de microviolências, do campo da violência simbólica. De outro modo, os estudantes não conseguem avaliar o possível prejuízo que a intimidação e a violência simbólica podem causar às relações sociais. Elas também não são percebidas pelo professor; eles não reconhecem os atos violentos que pratica, e tentam exercer o poder que lhes é "dado" pela escola sob forma de controle. Talvez o pior efeito dessa falta de percepção da violência simbólica seja a ocorrência dos casos de intimidação (bullying, conceito que será apresentado posteriormente) no interior das salas de aula, ignorada pelo professor.

O mesmo acontece quando Bourdieu comenta sobre a violência simbólica, esta violência consiste nas relações de poder, a classe dominante não pretende acabar com a desigualdade, pois com isso acabaria o seu poder sobre os desfavorecidos.

A educação escolar reproduz a cultura dominante, contribui para perpetuação da desigualdade social. *“A violência simbólica ajuda não só a obscurecer a violência do cotidiano, como também a esconder suas verdadeiras causas”*.

Colombier apud Moraes, também dividiu por categorias as “violências” ocorridas na escola em brutal (agressão física ou patrimônio das pessoas) e a sutis (passar por despercebida exatamente por faltar o impacto da brutalidade)

Amoretti analisou a violência na situação praticada: violência visível e a violência mascarada (invisível).

Há vários estudos sobre a violência com abordagens biológicas, político-social, economia, cultural, mas todas ainda limitadas por si só, pois a violência é um fenômeno complexo.

Ao falar sobre violência não podemos esquecer-nos da voz das vítimas. Digo isso porque, atualmente, muitas pessoas "culturalmente" ricas estão no núcleo e na origem dos principais e mais danosos problemas da sociedade. Isso demonstra que não é fundamentalmente a posse do capital cultural que permitirá uma transformação da sociedade para algo melhor; repito, é preciso selecionar e distinguir que tipo de valores e conhecimentos deve ensinar para nossas crianças, pois num mundo cada vez mais violento, ensinar às crianças noções de respeito e solidariedade é uma tarefa árdua.

CAPITULO II-BULLYING??

2.1 BULLYING

Como já havia comentado acima ao pesquisar sobre bullying a bibliografia sobre o tema, qual foi minha surpresa que o tema no Brasil é muito escasso poucos pesquisadores se dedicaram ao tema no Brasil, as maiorias dos livros são de línguas estrangeiras e raras as suas traduções. O grande material de acesso é pela internet e reportagem em revistas onde vários autores falam sobre o assunto. O assunto é raríssimo quanto se trata de bullying na educação infância, e o meu principal enfoque é como o bullying acontece na educação infantil.

Então a pesquisa se dará com o termo geral de bullying definidas pelos autores (pesquisadores).

A pesquisa bibliográfica começara de forma generalizada do termo ou "fenômeno". Segundo Amoretti (1992) a violência é um fenômeno, exclusivamente humano que em todas as suas variantes, acontece a nível social, mas ao mesmo tempo denega o social, aproximando-o às vezes do caos.

Denominação de bullying um fenômeno novo ou um novo nome para violência como? Segundo Dan Owelus *"o fenômeno não é recente, mas multiplicam-se de maneira assustadora, as formas como se manifesta, assim como os atores e contextos abrangidos"* (Constantini pg11).

2.1 O QUE É BULLYING?

O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão, como verbo, significa ameaçar, amedrontar, tiranizar, oprimir, intimidar, maltratar. Significa usar o poder ou força para intimidar, excluir, implicar, humilhar, não dar atenção, fazer pouco caso, e perseguir os outros.

Ocorre com mais freqüência no ambiente escolar, numa escola, uma criança pode ser considerada "escrava" por outras, chefiadas por um aluno-líder obrigado a dar dinheiro para colegas mais velhos e fisicamente mais fortes, senão sofre algum tipo de violência.

O primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega. Ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, Olweus descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, bullying era um mal a combater.

Os alvos comuns são pessoas ou grupos que apresentam características destoantes da grande maioria, sejam estas deficiências físicas ou diferenças étnicas e culturais. São os famosos "rolha de poço", "quatro olhos", "espeto", "bambi", "dumbo", "Pinóquio" ou "cabeção". Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

“Olweus acentua que todos os jovens têm direito democrático fundamental de se sentirem seguros na escola e não terem que administrar o bullying e humilhações de serem vítimas de agressões de colegas. Ele se refere ao dano de longo prazo infligido ao funcionamento psicossocial do estudante causado por bullying por colegas, como sendo uma cicatriz mental” (Constantini pp237).

Os especialistas afirmam que a violência que surge na infância gera reflexos na vida adulta. Uma criança que é vítima da discriminação dos colegas tende a ser retraído, sofrer mais de depressão e pode vir a cometer suicídio. Já o agressor pode se tornar violento e vir a cometer crimes.

O bullying parece nos levar à sensação de impunidade e principalmente de não punição, conseqüentemente, os jovens terão atitudes anti-sociais e no futuro dificuldades no relacionamento afetivo, delinqüência ou atos criminosos.

O bullying diferentemente das brigas entre crianças elas começam de maneira é contínua, persistente, não precisa de razões para acontecer. A vítima, ao se preparar para ir à escola, sabe o que a aguarda. O seu desejo é fugir. Mas não pode. E não há nada que possa ser feito para que o “bullying” não aconteça.

Segundo Neto (2004), ao sofrer a violência do tipo bullying, tanto as crianças como os adultos, sozinhos, não têm como se defender. Os colegas, embora digam repudiar esse tipo de violência psicológica e sintam pena, declaram que nada podem fazer para defendê-la, com medo de serem as próximas vítimas. Também os estudos realizados por

Debarbieux (2002) revelam que este é um problema que ocorre em todos os níveis de ensino, área geográfica ou demográfica. As crianças que sofrem intimidação vêm a ter menos amigos, apresentar mais tendência à depressão, ter menor auto-estima, sendo suscetíveis a vários problemas de desempenho acadêmico e de saúde.

Bullying se refere às todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Atos repetidos entre iguais, quando uma criança chama a outra, várias vezes de gorda.

Desequilíbrio de poder, uma criança usa de sua força física ou intelectual para com outra criança, para possuir algo, sem motivação evidente.

2.2 TIPOS DE BULLYING.

Sexual: assediar, induzir e/ou abusar. Contato entre a criança, adolescente e o adulto, quando o adulto usa a criança/adolescente para estímulo sexual próprio. Considera-se violência sexual desde a exposição à pornografia até atos que incluam contato sexual (manipuláveis, carícias, relações sexuais com ou sem penetração, etc.).

Exclusão social: ignorar, isolar, excluir. Quando uma criança é isolada das relações sociais, ficando sozinha nos momentos de integração com outras crianças.

Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, infernizar, tyrannizar, chantagear, manipular. Ocorre quando a criança

constantemente deprecia a outra criança, bloqueando seus esforços de auto-aceitação, ameaçando-a provocando sofrimento psíquico.

CAUSAS.

Modelos educativos a que foram submetidos, muitas crianças convivem com pais violentos, exposição à violência (psicoadaptação), punição através da violência, mas que viver com pais violentos, mas sim pais que ensina os filhos a serem violentos a usarem da força para conseguir algo ou usar da força para se “defender” do outro. Mesmo acontece com a ausência de valores, limites e regras de convivência.

AGRESSOR.

Possui comportamento provocador e de intimidação permanente resolve seus problemas somente de forma agressiva, Acha que todos devem acatar seus desejos de imediato e demonstra dificuldade de colocar-se no lugar do outro. Na maioria das vezes possui um relacionamento familiar pouco afetivo, tem pouca empatia. Eles repetem um comportamento aprendido de autoridade e de pressão. Tem dificuldades de convivência, pois as maiorias das crianças sentem medo de ser a próxima vítima. Motivos que podem tornar uma criança autor de bullying muita vezes. Espera que todos façam a sua vontade, já foi vítima de algum tipo de abuso, em casa vive sob constante pressão para que tenha sucesso em suas atividades ou sofre intimidações é freqüentemente humilhada por adultos, mas gosta de experimentar sensação de poder, a sua ação acaba irradiando uma ação coletiva. Para identificar o agressor precisamos presta atenção nestes comportamentos:

- Irritados, impulsivos e intolerantes.
- Lidam mal com as frustrações
- Necessidade de impor-se mediante o poder e a ameaça
- Envolvem-se em discussões e desentendimentos
- Pegam pertences dos colegas, sem o consentimento.
- Exteriorizam autoridade.

VÍTIMAS.

São crianças inseguras, servem de “bode expiatório”, ou que sofrem as conseqüências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, habilidade para reagir ou fazer parar com os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Não revidam por vergonha ou conformismo. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com freqüência, ou abandonam os estudos. As conseqüências destas agressões são baixa auto-estima, passividade, depressão, transtornos emocionais outros problemas psicossomáticos. Para identificar a vítima também precisamos ficar atentos ao baixo rendimento escolar, falta às aulas com certa freqüência, apresenta aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito.

ORIENTAÇÕES PARA A VÍTIMA.

As vítimas não devem tentar resolver sozinhas, devem contar aos pais ou pessoas que confiarem pedir apoio e compreensão. Não se sentir culpado. Principalmente manter a calma e tentar não demonstrar seu medo. Pedir para o professor promover debates sobre o assunto e criar oportunidades para socializar-se

ESPECTADOR OU TESTEMUNHAS

Não sofre e nem pratica, mas presencia as situações de bullying, torna-se inseguro e temeroso, tem medo de tornar-se a “próxima vítima”, é ignorado nas tentativas de comentar os fatos. Esse clima de silêncio pode ser explicado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Muitas testemunhas acabam acreditando que o uso de comportamentos agressivos

contra os colegas é o melhor caminho para alcançarem à popularidade e o poder.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA OS PAIS DE AGRESSORES

Pais não ignorem a situação. Procure saber como pode ajudar mantenha a calma. Ajude-o a manifestar as insatisfações sem agredir.

Não o agrida, nem o intimide. A violência deve ser evitada. Demonstre seu amor, mesmo não aprovando o seu comportamento. Procure saber o que pode ser feito para ajudá-lo.

Tente identificar o que pode estar desencadeando o comportamento. Entre em contato com a escola e peça ajuda. Dê orientações e limites firmes, para ajudá-lo a controlar seu comportamento. Encoraje-o a pedir desculpas ao colega agredido. Realce seus pontos de destaque. Elogie-o sempre.

Incentivar o filho a falar, ir à escola e buscar uma solução que envolva toda a comunidade escolar. É lógico que isso só será possível se a escola tiver como lema a não aceitação do bullying. É bom lembrar que o bullying ocorre em todas as escolas. Diz-se que a escola que afirma que lá não ocorre o bullying é provavelmente aquela onde há mais situações de bullying, porque nada fazem para prevenir e reprimir.

ORIENTAÇÕES PARA A ESCOLA

Todos devem estar comprometidos: não praticar e avisar sempre que ocorrer um fato dessa natureza, avisar que a prática de bullying não será tolerada. Estimular os estudantes a pesquisar e debater sobre o tema. Ouvir o que pensam sobre o assunto e aceitar sugestões.

Facultar aos alunos a criação de regras de disciplina para suas próprias classes, permitir que buscassem soluções capazes de modificar o comportamento e o ambiente.

Lidar com a situação de bullying diretamente (autores e alvos), quando for uma causa específica, trabalhe objetivamente a questão.

Interfira diretamente nos grupos, sempre que isso for necessário para quebrar a dinâmica de bullying.

Os pais devem ser avisados e participar da busca de soluções.

Valorize as individualidades de cada um e a necessidade de serem respeitados.

- **PROFESSORES**

Os professores devem estar atentos ao comportamento dos seus alunos para identificar possíveis vítimas e agressores, trabalhar o tema em sala de aula, tanto com as crianças como com os pais e a intervenção deve ser imediata.

O QUE FAZER?

- Sensibilizar toda a comunidade escolar: responsabilidade partilhada.
- Cada escola deve definir sua própria estratégia
- Valorização do sentimento de quem sofre bullying
- Promover um ambiente escolar seguro e sadio – valorizar a tolerância e o respeito
- Discernir o que é uma brincadeira do que é bullying
- Estimular a amizade, solidariedade e companheirismo.
- Ter regras claras contra o bullying
- Orientar os pais em como proceder

Lopes Neto¹² observa que há casos de suicídio de pessoas que não suportaram tamanha pressão psicológica advindas do *bullying*. Talvez o pior efeito da pressão sofrida nos casos de *bullying* é a vítima se sentir condenada à “inexistência”, ou à “invisibilidade”, geralmente levado a cabo por grupo que combina entre si ignorar um colega, fazer de conta que ele não existe desqualificá-lo na sua competência intelectual, ou rejeitar um pedido seu, etc. Há casos em que esse tipo de vítima passa a sofrer tão baixa auto-estima que nem sequer tem forças para desabafar com alguém.

Por outro lado, existem casos em que a vítima aprende a conviver com a situação se tornando uma voluntária servil do dominador.

¹² Informações retiradas do site da ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência, em <http://www.Abrapia.Org.Br>.

Com isso, podemos afirmar que o fenômeno *bullying* reflete no processo de ensino e aprendizagem e na formação sócio-emocional da criança. Ele atinge a saúde física, emocional e a aprendizagem das crianças. Isso acontece quando são expostas de forma repetitiva e prolongadas às situações de humilhações, “zoações”, ameaças... Elas vão se fechando cada vez mais, se entristecendo e perdendo o interesse pela escola. Acumulam dúvidas, uma vez que temem que ao fazerem perguntas ao professor sejam caçadas, ridicularizadas ou criticadas pelos seus colegas. O déficit de concentração é outra consequência produzida pela vitimização, uma vez que seus pensamentos ficam aprisionados às situações de medo, aflição e tensão que estão vivenciando na escola e não conseguem mudar o foco, ou seja, dirigi-los para a aprendizagem. Outra consequência é o absentismo, isto é, a falta freqüente às aulas. Elas encontram desculpas reais ou imaginárias para faltarem, uma vez que a escola é um local de infelicidade e insegurança, como muitas das vezes também faz parte dessa violência impor à vítima o silêncio, isto é, ela não pode denunciar à direção da escola nem aos pais, sob pena de piorar sua condição de discriminada. Pais e professores só ficam sabendo do problema através dos efeitos e danos causados, quando seu desenvolvimento fica comprometido como a resistência em voltar à escola, quedos de rendimento escolar, retraimento, depressão, distúrbios psicossomáticos, fobia escolar e/ou social, o que compromete as relações sociais.

Muitas crianças vítimas de *bullying* desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam retornar à escola quando esta nada faz em defesa da vítima. A fobia escolar geralmente tem como causa algum tipo de violência psicológica. Segundo Aramis Lopes Neto, coordenador do programa de *bullying* da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência,) a maioria dos casos de *bullying* ocorre no interior das salas de aula, sem o conhecimento do professor.

Além de conviver com um estado constante de pavor, uma criança ou adolescente vítima de *bullying* talvez sejam as que mais sofrem com a rejeição, isolamento, humilhação, a tal ponto de se verem impedidas de se relacionarem com quem ela deseja, de brincar livremente, de fazer a tarefa na

escola em grupo, porque os mais fortes e intolerantes lhe impõem tal sofrimento.

Podemos observar que no âmbito universitário também não são raros os casos de mestrandos e doutorandos, no decorrer de sua pesquisa, serem vítimas de várias formas de pressão psicológica, *normais*, como os prazos de entrega dos trabalhos, falta de dinheiro para continuar a pesquisa, faltam de apoio do orientador, familiares, colegas e amigos. E, *anormais*, como o assédio moral, *bullying*, etc. O *bullying* tem o poder de levar o pesquisador ao travamento de sua produção intelectual, além de causar danos à sua existência cotidiana.

Meninas têm suas próprias armas. Enquanto os meninos usam a agressão física para intimidar, as meninas têm sua própria maneira de maltratar e humilhar as colegas. As agressões verbais são constantemente recorridas para isolar uma colega do grupo. É comum meninas serem chamadas de "galinha", "sapatão" e "mocréia".

2.3 O QUE DIZ CLEO FANTE SOBRE BULLYING NO BRASIL

Cleo Fante, pesquisadora pioneira do fenômeno Bullying escolar, o bullying não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças; é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros.

Para a autora, os danos físicos, morais e materiais, os insultos, os apelidos cruéis e as gozações que magoam profundamente, as ameaças, as acusações injustas, a atuação de grupos que hostilizam a vida de muitos alunos levando-os à exclusão, tudo isso são algumas das condutas que observa em relação ao bullying escolar. Algumas informações e relatos extraídos de jornais ou de estudos realizados podem anunciar a extensão e magnitude do problema.

“Atualmente, um dos temas que mais desperta a atenção dos educadores em todo o mundo, é, sem dúvida, o da violência escolar. Entretanto, quando falamos em violência escolar imaginamos uma gama de situações, onde alunos

discutem, brigam, amontoam-se, ferem-se e, logo, algum adulto interfere” para separar os briguentos “; ou imaginamos situações onde” gangues “compostas por” alunos “ou” ex-alunos-problemas “, munidos de armas ou drogas, invadem a escola, depredam o patrimônio ou deixam rastros de sangue.” (Cleo Fante, 2005).

O termo *Bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

“Esse fenômeno ocorre na escola, na família e na comunidade, mas se evidencia no âmbito escolar, desde os primeiros anos. Por isso, é importante que todos os envolvidos e responsáveis pelo processo educacional conheçam, comprometam-se com a problemática e busquem soluções”, destacou Cleo.

O *Bullying* é uma dinâmica psico-social que envolve cada vez mais um número maior de alunos em todo mundo, na medida em que a vítima tende a se transformar em um agressor. “Ela procura reproduzir a agressão quer na época de escola quer na época de adulto, na família, no local de trabalho”, afirmou Cléo Fante.

Segundo Fantes, o *bullying* se trata de uma síndrome, a SMAR - Síndrome de Maus-tratos Repetitivos. O portador dessa síndrome possui necessidade de dominar, de subjugar e de impor sua autoridade sobre outrem, mediante coação; necessidade de aceitação e de pertencimento a um grupo; de auto-afirmação, de chamar a atenção para si. Possui ainda, a incapacidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos. Esta Síndrome apresenta rica sintomatologia: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, tensão, explosões emocionais, raiva reprimida, depressão, stress, sintomas

psicossomáticos, alteração do humor, pensamentos suicidas. É oriunda do modelo educativo predominante introjetado pela criança na primeira infância.

Segundo Cleo Fante, 2005, o *Bullying* manifesta-se de diversas formas, dividindo-se essencialmente em 3 tipos¹³:

- Direto e físico: inclui bater ou ameaçar, roubar ou estragar objetos dos colegas, ameaçar ou extorquir dinheiro, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas contra sua vontade;
- Direto e verbal: insultos, apelidos, fazer citações racistas ou que salientam qualquer defeito ou deficiência nos colegas;
- Indireto: exclui-se alguém sistematicamente do grupo, ameaça perder a amizade, espalham-se boatos para destruir a reputação do colega, manipulando a vida social dos pares.

Ao sofrer a violência do tipo *bullying*, tanto as crianças como os adultos, sozinhos, não têm como se defender. Os colegas, embora digam repudiar esse tipo de violência psicológica e sentirem pena, declaram que nada podem fazer para defendê-la, com medo de ser a próxima vítima.

É na infância que a criança começa a desenvolver um perfil de agressor ou vítima. Quem não aprende a controlar os impulsos, entre eles o da agressividade, adota dois comportamentos distintos: ou fica exageradamente agressivo e nunca pensa antes de agir, ou se inibe, tornando-se uma pessoa medrosa, que não consegue se defender. O *bullying* escolar é classificado de acordo com a atuação de cada aluno, revelando características relacionadas aos papéis que venham a representar:

- Vítimas (alvos): Alunos que apenas sofrem *bullying*. Pouco sociáveis, não dispõem de status, recursos ou habilidades para impor um basta ao que sofrem. Inseguros e sem a esperança de adequarem-se ao grupo, não pedem ajuda. De baixa auto-estima, podem crer que são merecedores do

¹³ Classificação segundo Cleo Fante, 2005.

sofrimento, o que, muitas vezes é incentivado pela falta de intervenção dos adultos. De baixo rendimento escolar, resistem para ir à escola, simulando doenças. O tempo, intensidade e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. Autodestruição, momentos de explosão, desejo de vingança, porte de armas, depressão e até tentativas de suicídio podem ser conseqüências do Bullying. O comportamento, hábitos ou modo de vestir fora dos padrões, à raça, o tipo físico, a falta de habilidade em esportes podem ser motivos para torná-los vítimas. Infantilização, proteção e críticas excessivas dos pais podem potencializar a vitimização do jovem, que terá dificuldades em defender-se e enfrentar desafios. Dificilmente a vítima pede ajuda, revelando de forma espontânea ser alvo de Bullying.

- Autores (agressores): Alunos que apenas praticam *bullying*. Normalmente, os agressores são alunos “populares”, envolve-se em situações anti-socais e de risco, como envolvimento com drogas, álcool e tabaco, bem como em brigas. Têm comportamento agressivo também com adultos, não aceitando subordinação, no que se gabam de sua postura. Satisfazem-se em dominar e impor sofrimentos e, insatisfeitos com a família e a escola, são gozadores. Mantém um grupo em torno de si com o qual dividem a responsabilidade e sentem-se mais forte. Segundo Fantes as causas deste tipos de comportamento, devem ser a carência afetiva, ausência de limites e ao modo de afirmação do poder dos pais sobre os filhos.

- Vítimas/Autores: Alunos que tanto sofrem como praticam o *bullying*. Ela reproduz os maus –tratos sofridos., tende a buscar indivíduos mais fracos que ele para transformá-los em bode expiatório, na tentativa de transferir o que já ocorreu com ele.

- Testemunhas: Alunos que não sofrem nem praticam o *bullying*, mas convivem em um ambiente onde o problema ocorre. Os “demais” são a maioria dos alunos. Ou entendem o Bullying como normal e ficam felizes por não serem atingidos ou, mesmo incomodados, não reagem com o temor de tornarem-se vítimas. Questionados, transmitem uma falsa normalidade do ambiente, ajudando a reforçar a ação dos autores. Há os que, com senso de justiça, interferem nas ações, chamando um adulto para ajudá-los. As

testemunhas de Bullying, ainda que não participem diretamente das agressões, também terão a formação de seu caráter afetado por esse fenômeno. Afinal, qual o resultado desse ambiente contaminado que não cidadãos egoístas, que aceitam as injustiças da sociedade de forma passiva, sem protagonizar ações para seu aperfeiçoamento?

Cleo Fante, 2005, observa os sintomas mais freqüentes em vítimas do *bullying*, tanto na escola quanto em casa:

Na escola: Durante o recreio está freqüentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto; Na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso; nos jogos em equipe é o último a ser escolhido; apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito; desleixo gradual nas tarefas escolares; Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não-natural; falta às aulas com certa freqüência; perde constantemente os seus pertences.

Em casa: Apresenta, com freqüência, dores de cabeça, pouco apetite, dor de estômago, tonturas, sobretudo de manhã; muda o humor de maneira inesperada, apresentando explosões de irritação; regressa da escola com as roupas rasgada ou sujas e com o material escolar danificado; desleixo gradual nas tarefas escolares; apresenta aspecto contrariado, triste deprimido, aflito ou infeliz; apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões ou estragos na roupa; apresenta desculpas para faltar às aulas; raramente possui amigos, ou se possui, são poucos os que compartilham seu tempo livre; pede dinheiro extra à família ou furta; apresenta gastos altos na cantina da escola.

Segundo Fantes os pais devem estar atentos para não se precipitarem ao considerar seus filhos vitimas de bullying. O ideal é observar se não é o próprio comportamento do filho que motiva sua rejeição no grupo., alerta que a ausência de limites e o excessos de mimos podem deixar a criança chata, egoísta, e não se adapte as regras do grupo, pois nem sempre os pais se dão conta do tipo de educação que esta dando ao seu filho.

Os pais devem estimular os filhos a contar sempre à verdade, o diálogo é primordial para as famílias, os pais tem que ter tempo para ouvir as frustrações, seus medos, suas histórias diárias, incentiva-los a contar seus problemas e buscando soluções baseadas no respeito.

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientam a convivência pacífica e a habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é matemática ou biologia; a convivência, para muitos e de todas as idades, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida” Cleo Fantes.

CAPITULO III -RELAÇÃO DE PODER

3.1-RELAÇÃO DE PODER

Ao fazer o levantamento bibliográfico sobre violência podemos constatar que a bullying se trata de uma relação de poder o mais “forte agredi o mais fraco” Nesse sentido, a violência física é uma forma agressiva do “forte” exercer poder sobre o “fraco”, onde o “fraco” talvez nem tenha sequer sustentado, reforçado ou sido causa para o agressor cometer o à violência é “o argumento dos que não têm argumento”. Michel Foucault (1977), em seu livro “Vigiar e Punir”, contribui enormemente para as teorias sobre a violência e as relações de poder quando analisa as instituições penais a partir dos séculos XVII e XVIII, citando á busca da disciplina da sociedade, buscando explicar a política de repressão, de dominação, por meio de vigilância e punição sobre o intelecto, à vontade, as disposições e sobre as paixões dos indivíduos.

De acordo com Foucault, sobre a análise do poder: *o poder deve ser analisado como algo que funciona em cadeia, não está localizado aqui ou ali, nem está nas mãos de alguns.*

O poder não é um bem, mas é algo que se exerce em rede, e nessa rede todos os indivíduos circulam, sendo que qualquer um pode estar em posição de ser submetido ao poder, mas também de exercê-lo.

Nessa perspectiva, (Foucault, 1977), não se trata da questão de “quem tem o poder”, mas de estudá-lo no ponto em que se implanta e produz seus efeitos reais. É nesse contexto que o autor parece se interessar pelos efeitos de verdade produzidos pelo poder, como esse último se legitima nas relações criando discursos que funcionam como norma.

“Faz-nos compreender é outra face do poder muito mais eficiente, aquela que faz com que seja aceito, não por seus efeitos repressivos, mas, pela sua potencia, pela sua capacidade de produzir prazeres.” ... Portanto, a vigilância hierárquica sobre os indivíduos permite a articulação de um poder com um saber, que se ordena em torno da norma, do que é ou não

normal, do que é correto ou incorreto, do que se deve ou não se deve fazer (Foucault, pp. 88).

Para Foucault o poder não é considerado como algo que o indivíduo rejeita a um dominador, mas sim como uma relação de forças. Ao ter relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades.

“Mecanismos de poder-saber funcionam não apenas em relação a pedagogias defendidas em discursos educacionais, isto é, em relação a visões sociais e práticas instrucionais particulares, promulgadas em nome da pedagogia, mas também em relação à pedagogia dos argumentos, que caracterizam discursos educacionais específicos, isto é, aos próprios argumentos”. (Foucault ,pp. 14).

“Na escola, puni-se e vigia-se para padronizar comportamentos, na escola e na prisão, de acordo com, a disciplina é recompensada pelos jogos das promoções, que permitem estabelecer hierarquias e lugares; puni-se rebaixando e degradando. Foucault nos ensina que o poder de punir não é essencialmente diferente do de educar. O bom aluno, por esta ótica é aquele que é dócil, servil e não depreda a escola, não faz pichação e nem outros atos vândalos. O controle dos desvios dos alunos, enquanto indivíduo é o que a escola visa”.(Guimarães apud Foucault, pp45)

Segundo Foucault, o poder se efetiva mediante o cumprimento de algumas funções o controle do tempo, o controle dos corpos .

“No entanto, a partir do século XVII, já começou a aparecer uma nova mecânica do poder, com instrumentos novos e incompatíveis com as relações de soberania, que incidiu mais sobre os corpos do que sobre a terra e seus produtos. Foucault

completa: É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas”.(Guimarães apud Foucault pp. 45)

No seu livro “Vigiar e punir” Foucault denomina a disciplina como uma ação de poder sobre o outro, cujo objetivo principal era a produção de corpos obediente, eficazes economicamente e submissos politicamente.

*“Foucault inaugura a denominação de poder disciplinar uma forma específica de dominação, esse poder atua não mais diretamente sobre o sofrimento físico, mas sobre o adestramento do corpo exercendo pressão sobre o intelecto, à vontade, as disposições, as paixões dos indivíduos. Em lugar do carrasco surge uma tecnologia nova de controle ativada por guardas, médicos, capelães, psiquiatras educadores”.
(Guimarães apud Foucault pp26)*

Para Foucault o poder esta presente nas relações humanas e se apresenta de várias formas. As relações de poder são móveis, podem se modificar podem se inverter, mas para isso é preciso que os sujeitos sejam livres. *"Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se torna um objeto sobre qual ele possa exercer uma violência infinita e ilimitada, não haverá relações de poder"*. Não há relações ou convivência sem o poder, pois o mesmo é sutil, micro físico e a todo o momento estamos legitimando e produzindo mais poder, pois ele permeia é intrínseco.

Quando você detém um determinado poder você possui três vetores o primeiro seria, aumentar o poder (o que garantiria sua duração no posto ou para uma ascensão hierárquica na escala do poder) o segundo seria a contenção (você contém e preenche todas as fissuras que possam existir por onde o poder possa escorrer e fortalecer o dominado) o terceiro e ultimo vetor seria a estagnação (onde você deixa de produzir poder e é deposto do seu posto), que haja a contenção do saber.

A disciplina hierárquica que encontramos no capitalismo produz uma vigilância que busca o controle do indivíduo na relação de delimitação do espaço e aplicação do tempo. Tal disciplina molda comportamentos e produz verdades que dependem intrinsecamente de uma rede de novos saberes que buscam o controle dos corpos através da alma dos indivíduos. Tais práticas são encontradas nos dias atuais nas fábricas, escolas, hospícios e hospitais produzindo incessantemente corpos dóceis para o trabalho. Não basta apenas ter o controle do corpo é preciso controlar sua alma.

Foucault constatou a muito que o poder é sempre coercivo ao utilizar a força da punição para “normalizar” tudo o que se afaste do considerado aceitável. Esta atitude por parte do poder tem em vista a centralização desse mesmo poder e a subjugação da sociedade e dos indivíduos que domina. Nesta concepção, a Justiça é uma das “armas” do poder; um instrumento que castiga quem se afasta da normalidade.

O poder está presente nos mais fino mecanismo de intercâmbio social: não somente no estado, nas classes, nos grupos, mas ainda na moda, espetáculos, relações familiares e privadas, nos impulsos libertadores que tenta, contesta-los chamo de discurso de poder todo discurso que engendra o erro, por conseguinte culpabilidade daquele que o receba. A luta a ser travada, portanto não é contra o poder, mas contra os poderes múltiplos, recorrentes, perpétuos no tempo histórico. (Foucault ,pp. 114).

3.1 Panopticon ou escola, ou será a escola um panopticon?

O Panopticon de Bentham é um modelo de um edifício arquitetônico em que se podem vigiar e controlar as ações dos delinqüentes. Com celas dispostas em torno de um círculo e ao centro da torre elevada, seu desenho previa que o vigia colocado na torre central podia ver todos os movimentos daqueles trancafiados nas celas, sem que pudessem ver o seu observador basea-se na vigilância permanente de todos os indivíduos. (Silva).

A vigilância continua é o meio que torna possível o pleno controle dos indivíduos. Ela representa um novo ponto de vista do poder, um poder que em vez de punir um indivíduo que pratique qualquer ato ou infração, tem suas ações previstas pelo sistema.

Assim esse poder se legitima por meio do surgimento e da proliferação de uma série de instituições do modelo Panopticon.

Segundo Foucault, o poder panóptico se efetiva mediante o cumprimento de algumas funções; o controle do tempo, o controle dos corpos e a instauração de uma polimorfia do poder. Nas instituições panópticas, o indivíduo é abstraído do tempo de sua vida.

A escola insere-se neste modelo Panopticon, *“essa forma arquitetônica das instituições valia para as escolas, hospitais, prisões, fábricas, hospícios”* (Foucault, 1977). Numa rotina de aprendizados e tarefas a serem cumpridas. O indivíduo muito novo, é adestrado para participar nas diversas instâncias do sistema de produção. O tempo de sua vida infantil é moldado dentro das prerrogativas das atividades que ele deve realizar na escola e fora dela. Seu caráter é moldado por meio de um jogo de castigos e recompensas. Quando ocorre a entrada do indivíduo no trabalho de fábrica, por exemplo, esta será a extensão do que a escola previamente preparou.

Para atingir esse objetivo, a partir do final do século XVIII as *escolas (instituições disciplinares)* começaram a distribuir os indivíduos no espaço por meio de técnicas de enclausuramento e/ou de organizações hierárquicas de lugares específicos. Todas as atividades eram controladas temporalmente, o que possibilitava, por exemplo, o isolamento do tempo de formação e do período da prática do indivíduo. Com isso, a aprendizagem poderia ser normatizada, e as forças produtivas seriam compostas a fim de obter um aparelho eficiente.

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras”, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam

segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos [...]. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (Foucault, pp. 135, aspas do original).

Os indivíduos eram ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber, cuja intenção era a de dominar a diversidade, impondo-lhe uma ordem. As sociedades disciplinares substituíram as antigas sociedades de soberania, tendo seu início no século XVIII e atingindo seu ápice no século XX.

No entanto, a partir do século XVII, já começou a aparecer uma nova mecânica do poder, com instrumentos novos e incompatíveis com as relações de soberania, que incidiu mais sobre os corpos do que sobre a terra e seus produtos. Foucault completa: É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. (Foucault 1979, p. 142).

As sociedades disciplinares veiculam uma forma de poder ligado à *ortopedia social*, que tenta assegurar a ordenação das multiplicidades humanas.

Trata-se de produzir corpos dóceis, tornando o exercício do poder economicamente menos custoso possível, estendendo os efeitos do poder social ao máximo de intensidade e tão longe quanto possível, e ainda ligando o crescimento econômico do poder ao rendimento dos aparelhos pelos quais se exerce, sejam pedagógicos, militares, industriais, médicos. Em suma, fazendo crescer tanto a docilidade quanto a utilidade de todos os elementos do sistema (Foucault 1977, p. 191).

Para Foucault é o sistema judiciário que dá o esqueleto do sistema escolar, afinal a todo o momento se punem, se recompensam, se avaliam e se hierarquizam os indivíduos.

A escola é um instrumento, também ideológico, que produz poder, organizado por intermédio da vigilância; um poder múltiplo, anônimo e automático que atua sobre os indivíduos, colocando em funcionamento uma rede de relações.

“Como um poder do Estado às escolas exercem papéis importantes na criação das condições necessárias para a acumulação de capitais e para legitimação, elas mantêm uma ideologia meritocráticas imprecisa e portanto legitimam as formas de ideologias necessárias para a recriação de desigualdade”. (Apple pp75)

A partir da possibilidade da veiculação de normas nos discursos educacionais, vale aproveitar a exposição que Áries (1981) faz do surgimento da *vida escolástica* e sua articulação com a disciplina. De acordo com o autor, a diferença essencial entre a escolada Idade Média e a dos tempos modernos residiu na introdução da *disciplina*, que era um meio de isolamento e adestramento das crianças.

Para Foucault o poder de punir não é basicamente diferente do de educar pode-se dizer que na escola o poder de punir torna-se natural e legítimo.

Foucault instituiu uma nova denominação no século XVIII o poder disciplinador uma forma de dominação, pois a escola é um local de poder disciplinador e praticado por todos, desde do diretor aos alunos “o poder é que torna possível todo esse domínio sobre a duração do tempo garantido e controlando sua utilização”.

Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma

da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. (Foucault, 1977, pp 164-165)

Áurea Maria Guimarães em sua obra *Vigilância, Punição e Depredação Escolar* apresentam-nos também importante contribuição para a teoria da Violência Escolar.

“O fato de a escola funcionar como prisão, esquecendo-se da tarefa de educar o cidadão. Aponta a crise da educação, que é evidenciada no Brasil, e com base na obra de Foucault denuncia os regulamentos rígidos e opressivos que levam os alunos à evasão escolar e a uma crescente depredação da escola”. (Guimarães 1988)

A autora afirma com base na obra de Michel Foucault “Vigiar e Punir”, que a depredação não gira em função da pobreza do bairro, mas, gira em torno do rigor punitivo desencadeado pela escola. Consta-se algumas semelhanças entre os processos de vigilância e punição descritos por Foucault com relação ao século XIX e os que ocorrem nas escolas de hoje.

Dos estudos realizados por Guimarães faz alguns levantamentos sobre a violência nas escolas:

“A escola possui em sua organização o germe do controle, onde todos são vigiados e vigiam ao mesmo tempo; Neste sistema de vigiar, há uma relação entre vigilância, punição e depredação escolar; O sucesso da escola depende diretamente da sua eficácia como instituição normalizadora, controladora de comportamento. Em virtude do currículo, a ser cumprido na escola, atender os objetivos ideológicos das desigualdades sociais, esta nada tem a ver com as expectativas e interesses dos alunos das classes subalternas; Vigiar e punir

são conseqüências diretas das estruturas burocráticas vigentes nas escolas; A escola estabelece diferenciação de comportamentos individuais, apontando eficazmente quem é o marginal, o favelado, o maloqueiro, colocando nestes a causa dos problemas disciplinares; Na escola, puni-se e vigia-se para padronizar comportamentos”.(Guimarães 1988, pp45).

Na escola e na prisão, de acordo com Foucault e Guimarães, a disciplina é recompensada pelos jogos das promoções, que permitem estabelecer hierarquias e lugares; puni-se rebaixando e humilhação. A penalidade tem dois efeitos: distribuição dos alunos de acordo com suas aptidões e comportamentos; e colocar pressão constante sobre os alunos, para que se submetam ao mesmo modelo, à subordinação, à docilidade, etc.

As técnicas de separação dos sujeitos na escola abrem brecha para um tipo de saber específico acerca do homem. Ao vigiar e ao conhecer cada aluno, a escola se torna um local importante de observação para o sistema convencional. Anotar os desempenhos dos alunos em cadernetas ou relatórios individuais se constitui numa prática que implica em manter os alunos sob olhar permanente. Com isso, o ato de vigiar fica inserido na essência da prática escolar. Documentar individualidades se traduz em um eficiente meio de controle, de dominação dos alunos, na escola, por intermédio da observação destes. A vigilância se constitui no suporte básico das práticas políticas disciplinares para formação dos domínios do saber.

Guimarães nos ensina em seu livro:

“... Que a escola associa depredação com marginalidade, com delinqüência, com mau aluno, com maloqueiro, com favelado, etc., em razão do interesse desta mesma escola residir nos seus resultados enquanto instituição controladora da sociedade. Mas, na escola real constata-se que uma pequena parte somente é que é educada; a grande maioria é excluída e marginalizada; o acesso à escola não é igual para todos e além de tudo isso, a escola convence que os que fracassam o fazem porque são incompetentes, inferiores, etc.”

A escola presente em nossa sociedade e trata de maneira igual alunos que são desiguais. Não leva em conta o cotidiano do aluno, nem sua contextualização, marcados por diferenças culturais e materiais gritantes, definidas pela injustiça social emergente da ordem econômica, etc.

A escola dos dias atuais, fechada, protegida por muros, grades, vigilância e punição, se constitui num mundo à parte; onde o acesso dos alunos é cuidadosamente controlado, cujos papéis de cada um já estão mecanicamente pré-estabelecidos, já com destinos traçados.

Não pode ser educativa a escola que pune alunos com objetivos escusos, rebaixando-os e degradando-os. Não é educativa esta escola que possui um sistema de fornecimento de notas, estabelecido de acordo com o comportamento dos alunos; que possui uma vigilância constante, que os classifica, os qualifica e pune. Desta forma as notas boas são associadas a bom comportamento, e as notas baixas, ao mau comportamento.

A escola é um local onde se distribui os indivíduos no espaço. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo. *"O espaço serial transformou o espaço escolar numa máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. O rigor do horário sempre caracterizou as escolas, as oficinas, os hospitais". (Guimarães pp32).*

Foucault considera a escola um observatório político, um local de observação, pois através da vigilância e do conhecimento que se pode ter do comportamento dos alunos pode-se ter o controle de todos os sujeitos, delimitando-se dessa forma todos os desvios, todas as habilidades dos alunos

"A escola não é democrática porque a sociedade que vivemos ainda também não é democrática. Os donos do poder são também os donos do saber e , assim como os mais pobres são marginalizados pela escola, também são no plano das relações de trabalho. A escola é parte integrante dessa sociedade injusta e desigual, ela não passa de uma peça na engrenagem ainda maior que é a sociedade em que nos todos vivemos." (Guimarães,pp 56)

Para Foucault a escola sozinha não conseguira mudar as relações de poder, pois pais na sua grande maioria são fiadores eficazes das normas escolares e sociais; professores eles que sabem, ordenam, julgam, anotam, punem; alunos acabam através do aprendizado da competição, julgando uns aos outros, a escola ensina a delação. E muito comuns alunos considerados “bonzinhos” delatarem os outros que conversam muito. Aceitar o poder de punir e ser punido parece ser uma prática natural entre os alunos que acabam julgando uns aos outros, segundo critérios previamente estabelecidos pela escola. A escola não conseguira que os sistemas mudem enquanto não houver uma conscientização da sociedade, dificilmente a situação será alterada.

Como relata Guimarães esta conscientização será muito difícil de ocorrer “Não se faz, na escola, uma reflexão junto com o aluno da causa dos seus atos, porque na realidade isso acarretaria o desenvolvimento de senso crítico, não só dos alunos, mas de todos os elementos que participam”. (Guimarães, pp 113)

A escola um centro de poder e de produção de subjetividade. O espaço escolar por assim dizer expressa uma hierarquia em sua organização. Para Foucault a disciplina traz um modo específico de punir que é retratado com um modelo reduzido do tribunal. E essa semelhança realmente tem sentido na observação do aluno chamar a sala do diretor de sala do julgamento.

O poder que penetra na escola é o discurso de fora, autorizado reconhecido por todos. O poder aqui é visto como um conjunto de estratégias, táticas, pactos, cumplicidade que se manifesta através de complexo jogos de posturas, gestos, palavras, silêncios, ameaças, punições recompensas, foram infinitivas de expressão, de redes e atravessamento das relações.

“As disciplinas, organizando as celas, os lugares e as fileiras criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais funcionais e hierárquicos, garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia dos tempos e dos gestos”. Guimarães, 1994, (pp 25)

3.2 HANNAH ARENDT COMENTA SOBRE VIOLÊNCIA E PODER.

"Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (Na última edição da Enciclopédia de Ciências Sociais, a "violência" nem sequer merece menção.) Isto indica o quanto à violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que viram apenas violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram" sempre fortuitos, nem sérios nem precisos "(Renan), ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. Quem quer que tenha procurado alguma forma de sentido nos registros do passado viu-se quase que obrigado a enxergar a violência como um fenômeno marginal" (Arendt, 1994, p. 16) "".

Arendt (1994), por sua vez, nos mostra que a violência, distintamente do poder, da força ou vigor, necessita de implementos, como Engels há muito tempo teria observado. A violência sempre pode destruir o poder; do cano de uma arma emerge o comando mais efetivo, resultando na mais perfeita e instantânea obediência. Já o proclamou Mao Tse-Tung: "O poder brota do cano de uma arma"

Segundo Arendt entende que o termo força, muitas vezes usado no sentido de violência, especialmente quando serve como meio de coerção, deveria ser reservada para as "forças da natureza" ou a "força das circunstâncias", a violência simbólica se representa pela coerção ou coação é alto grau de constrangimento ou ameaça de privações, ou ainda recrutar, com promessa de vantagens.

Nas relações do poder coercitivo, a violência entra sob a forma de punição, nos casos em que a ameaça não surtiu efeito. A violência punitiva atinge condutas desviantes previamente definidas, com intervenções físicas de valor preestabelecido, o que permite o cálculo de custas da desobediência. Os modos de exercício do poder são múltiplos: persuasão, manipulação, ameaça de punição, promessa de prêmio etc. Relações de poder coercitivo baseadas em sanções diferentes da força, como prejuízo econômico, destituição de cargo, por vezes são chamadas violência, o que, porém, está em desacordo com o uso do termo na literatura política e sociológica. Essas relações de poder devem ser chamadas coerção.

“A eficácia generalizada da aplicação da violência é, portanto, superior à aplicação de sanções de outra natureza”. “A violência pode ser justificável, mas nunca será legítima”. “A violência, sendo instrumental por natureza, é racional à medida que é eficaz em alcançar o fim que deve justificá-la” Hannah Arendt observa que o poder depende dos números (apoio da maioria, opiniões), enquanto a violência, que se assenta em implementos, pode operar sem eles. Os implementos da violência, como todas as ferramentas, amplificam a multiplicam o vigor humano. Forma extrema de poder é a de todos contra um; forma extrema de violência, a de um contra todos “(Arendt, 1994, pp. 44)”.

Trata-se, pois, de poder social, sentido em que representa capacidade geral de agir, capacidade de um ser humano de determinar o comportamento do outro, ou simplesmente poder do homem sobre o homem.

O poder sobre coisas pode servir de recurso para o exercício do poder sobre o homem. E de ver que autoridade como poder legítimo comporta juízo de valor. Autoridade é o poder considerado legítimo pelas pessoas ou grupos que participam da relação de poder. Quem tem autoridade é detentor do direito de mandar e exercer o poder; os que a ele

estão sujeitos, do dever de obedecer. Segundo Jouvanel, comandar e obedecer é da essência do poder (Arendt, 1994, pp. 32).

Forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, constituíam em modos pré-políticos de lidar com as pessoas, próprios do lar e da vida em família, *“na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos, ou da vida nos impérios bárbaros da Ásia, cujo despotismo era freqüentemente comparado à organização doméstica”.* (Arendt, 1995, pp. 36).

Sustenta que nem a violência, nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital, eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo novo.

“O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são empregadas para velar intenções, mas para revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades” (Arendt, 1995, pp. 212).

A palavra é, exatamente, aquilo que torna relevante e significativa à ação. Dizer uma palavra constitui, assim, uma ação, não apenas porque quase todas as ações políticas são realmente realizadas por meio de palavras, mas também porque o ato de encontrar as palavras adequadas no momento certo, independentemente da informação ou comunicação que transmitem, constitui uma ação.

“Sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras; e, embora o ato possa ser percebido em sua manifestação física bruta, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante através da

palavra falada na qual o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer (Arendt, 1995, pp. 191)”.

Arendt, violência seria como uma forma auxiliar de manifestação do poder, ou seja, se uma forma sem a necessidade do agir físico ou psicológico não fosse suficiente, necessário seria usar a violência como forma de suprir aquele poder que falta e assim ter o completo meio de domínio. Veja uma pessoa autoritária, enquanto ela está no comando, está tudo bem, você a respeita em função de sua autoridade e tudo que ela quer você faz, caso você não o faça, um primeiro sinal seria uma agressividade psicológica ou até física, vinda como forma de suprir o que falta para ter o domínio completo do poder.

Vemos Arendt é bastante inovadora em seu conceito acerca da violência, na medida em que rompe com a tradição da relação entre este instituto e o poder. Para ela, quando há violência não há poder, e vice-versa. O poder só acontece enquanto as pessoas agem conjuntamente no mundo, quando a igualdade realmente atinge sua forma. Já a violência se manifesta quando as pessoas não estão no mesmo mundo, ou seja, atingem modos políticos diferentes de existência. É importante ressaltar que a violência, para Arendt, é uma categoria do âmbito do político, por isso não está relacionada com a discutida violência natural, primitiva, mas o modo como ela é construída.

À primeira vista é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial.

“(…) Isto indica o quanto à violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas, ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que visam apenas violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram sempre fortuitos, nem sérios, nem precisos, ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. Quem quer que tenha procurado alguma forma de sentido nos registros do passado viu-se quase que obrigado a enxergar a violência como um fenômeno marginal”. (Arendt, 1994, pp 16).

Ao acompanhar esta linha de reflexão, Michaud (2001), corrobora com Arendt (1994), afirmando:

“A violência não é mais negada e recalçada e sim reconhecida como problema que pede soluções e remédios. Ela faz parte dos fenômenos submetidos à regulação social. Por isso podemos nos indignar pelo modo cínico e desencantado como as sociedades contemporâneas fizeram da violência um instrumento banal e submeteram-na ao cálculo, à gestão e ao controle; mas também podemos nos espantar de seus recursos sempre renovados para controlá-la, neutralizá-la, redirecioná-la, utilizá-la e, freqüentemente, reduzi-la” Arendt, 1994, (pp 116).

Arendt (1994) encontra nexos entre a violência e a quebra de diálogo, da capacidade de negociação que, de alguma forma, é a matéria-prima do conhecimento/educação. Assim, para a autora, violência é todo ato que implica a ruptura de um anexo social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito.

A percepção de Arendt (1994) que afirma que a autoridade seria o reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados a obedecer, não sendo necessário para isso, o uso da coerção ou da persuasão, estaria em jogo, sobretudo, o respeito pela pessoa, no caso pelo educador.

A violência na concepção dos pensadores supracitados corresponde a duas formas distintas de dominação; para Foucault o poder-saber é um elemento central da produção de violência punitiva.

Já para Hannah Arendt o poder não pode ser gerado através da violência, segundo a filósofa, a essência do poder está em ser ele à negação da violência.

São justamente esses problemas políticos lançados, tanto por Foucault como por Hannah Arendt que são o centro de tal investigação. Sendo detectado ao longo da pesquisa que a violência em Foucault está diretamente

ligada ao corpo diferentemente para Arendt que acredita ser a violência à falta do discurso no espaço público.

CAPITULO IV- OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

4.1-OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Meu nome é MICHELE, sou professora de educação infantil, na cidade de Paulínia-SP.

O que vou relatar neste trabalho, não é algo que nunca aconteceu comigo, mas é algo que eu ainda não havia parado para pensar sobre, ou melhor, não dei a devida atenção. Até que aconteceu o ano 2006.

Na escolha de sala do ano de 2006, eu fiquei com crianças de 3 a 4 anos, nível¹⁴ I crianças que vem da creche do ano anterior e que ficara o dia todo na escola, então por isso estas terão duas professoras, uma no período da manhã, outra no período da tarde (eu sou professora do período da tarde).

Nas escolas de educação infantil da rede municipal de Paulínia há uma entrevista com os pais ou responsáveis pela criança que freqüentara a escola, entrevistas estas feitas antes de começarem as aulas. Entrevistamos todos os pais antes das aulas começarem.

Nos primeiros dias, as crianças estavam se adaptando a nova rotina (rotina esta onde as crianças se servem sozinhas a sua alimentação e utilizam o banheiro sozinhas, somente com ajuda da monitora se for necessário alguns choravam, outros mais quietinhos, outros já adaptados achando-se donos da escola, correndo pela escola, o que acontece normalmente todos os anos).

No decorrer dos dias que foram se passando, comecei observar que a Thalita estava sempre sozinha nas atividades, como no cantinho “atividades diversificadas atividades estas onde acontece nas mesas da sala ou no chão” (é uma organização de sala onde os alunos participar da sua constituição). Um momento em que as crianças podem escolher o que vão fazer, por exemplo, entre desenhar, “ler” um gibi, aprender um novo jogo de tabuleiro, massinha,

¹⁴ (estes níveis são determinados pela secretaria de educação da cidade de Paulínia, crianças do nível I de 3 a 4 anos, nível II de 5 anos, nível III de 6 anos).

jogos de encaixe etc., as crianças podem transitar entre as opções disponibilizadas na sala.

Eu sempre procurei prestar atenção nas crianças, pois sempre acreditei que trabalhar com as crianças exige que o professor se interesse pelas suas falas e outros modos de expressão. A fala, gestos da criança trazem o seu modo de pensar, dar atenção ao que ela diz e a mesma atenção quando ela está em silêncio, o professor tem que buscar entender o que ocorre, bem como perceber as suas necessidades, pois muitas vezes, os seus gestos e expressões quer dizer algo para nós.

Parei para observar e refletir sobre Thalita lembrei primeiramente que na entrevista no começo do ano, ela é uma criança criada pelo avô, que nos contou que a mãe a abandonou, por estar viciada em drogas e ele nos alertou que a Thalita tem dificuldade em falar, suas palavras são pouco compreensível. Primeiramente achei que seria este o motivo de sua reclusão.

Mas foi então que ao intervir numa atividade, (o duas crianças estavam disputando uma peça de jogo) pedi para a Thalita sentar no cantinho da massinha, foi a minha surpresa que ouvi o Felipe falar:

“Não Thalita, você não fala, vai para outro cantinho, aqui não”. Ela foi sentar no cantinho dos livros onde só estava o Matheus, que não falou nada. Naquele momento não sabia o que fazer intervi ou não, resolvi prestar mais atenção para ver se aquela situação não havia sido única.

No primeiro momento fiquei com dó da Thalita, pois como será que ela estaria se sentindo.

Mas queria melhor observar a situação, pois não queira tomar uma atitude precipitada.

Conversei com a professora da manhã que observasse os comportamentos das crianças com a Thalita.

E foram acontecendo outras situações.

Cada dia há duas crianças (menino e menina) que são os “ajudantes” da professora, (os nomes das crianças são posto no cartaz em ordem alfabética) a função desta criança é ajudar no que for possível delas fazer como, contar quantas crianças tem na sala e colocar no cartaz que fica pregado na lousa, pintar o dia da semana no calendário que também fica pregado na lousa.

Também ajudava indo buscar um pano na lavanderia, levar algum recado para a diretora ou quem for necessário.

Os ajudantes são definidos por um cartaz, onde numa coluna tem o nome dos meninos na outra coluna os nomes das meninas há um prendedor um de cada lado da coluna que vai descendo de acordo com o passar dos dias.

Cada dia há duas crianças (menino e menina) que são os “ajudantes” da professora, (os nomes das crianças são posto no cartaz em ordem alfabética) a função desta criança é ajudar no que for possível delas fazer como, contar quantas crianças tem na sala e colocar no cartaz que fica pregado na lousa, pintar o dia da semana no calendário que também fica pregado na lousa.

Quando chego à sala todos os dias as crianças estão dormindo em colchões que estão espalhados pelo chão da sala. Neste período do dia das 12:00 as 13:00 as crianças ficam com a monitora. Começo acordá-los chamando um por um, aqueles que vão acordando sozinhos já vão aguardando o seu lençol dentro do armário, onde há uma gaveta com o nome de cada um para guarda o seu lençol. Foi então que chegou o dia da Thalita ser ajudante

Quando alguns já estavam acordados perguntei:

- “Quem são os ajudantes hoje”? (eu já sabia, pois já havia visto no cartaz, mas diariamente eu faço a mesma pergunta, para observar se estão atentos).

O Miguel respondeu: “- A Thalita e o Rafael.”

A Nicole ainda deitada no colchão falou: “-Pro a Thalita não, ela não fala direito”.

Respondi: “Todos têm que ser ajudantes e hoje é a vez da Thalita e temos que ajudá-la, pois ela vai aprender mais rápida se nós ajudarmos”.

Neste dia aconteceram várias situações que necessitei dos ajudantes, como estávamos nos “cantinhos” e havia um “cantinho” da pintura e uma criança derrubou tinta na roupa e necessitava ser trocado, por isso precisava chamar a monitora¹⁵, buscar a bola na secretaria e pude perceber que toda vez que solicitada ela ficava feliz, pois vinham ao meu encontro com belo sorriso, todas “ajudas” que ela me vez, eu fiz um bilhete para que entregasse para as pessoas responsáveis pelos pedidos.

Outra situação foi num dia que estávamos no brinquedo que fica na área externa da escola, brinquedo este que chamamos de “cavalinho”, pois há uma balança no formado de cavalos, mas também há outras balanças, gangorra, “trepá-trepá”. As meninas (quatro) estavam brincando de baixo de uma árvore onde havia bastante sombra. Foi quando a Thalita chegou e balbuciando algumas palavras que não consegui entender nem as meninas que estavam brincando.

Uma das meninas fala baixo para Thalita. “Sai daqui”, eu percebo que ela olha pra mim para ver se eu não estava olhando, continuo escutando, mas olhando para outro lado, então outra menina fala a mesma coisa “Sai daqui”, mas ela foi sentando, mas elas levantaram e saíram de perto dela, sentando do outro lado.

Uma situação que me perturba bastante, pois crianças rejeitando outra criança como será isso no futuro de ambas. É uma situação que ainda não sei como agir, se critico as outras meninas, se exijo a presença dela pelo grupinho ou se converso com a Thalita, minha cabeça parecer dar um nó.

Mas fui eu sentar próximo da Thalita, perguntando o que estava fazendo, mesmo não entendendo continuamos a conversar.

¹⁵ : É uma pessoa que ajuda a professora na sala nas questões de higiene e cuidado das crianças.

Outra criança pediu para que a balançasse, perguntei para Thalita se ela também não queria balançar e ela responde balançando a cabeça que sim.

E assim fui balançar as crianças que pediram. Neste momento as outras meninas vieram pedir para balançá-las também como é uma balança onde cabem duas crianças pedi para que uma delas sentasse com a Thalita, ela aceitou.

Depois de algum tempo, pedi para que elas balançassem sozinhas, pois tinha que ver o que estava acontecendo com os meninos. Mas avisei que todas tinham que balançar, enquanto quatro estiver balançando às outras empurram depois troca e assim sai de perto. Mas de longe observando, naquele momento elas acabaram aceitando a presença da Thalita naquele momento.

Toda sexta-feira é o Dia do Brinquedo, este é o dia da semana em que as crianças levam para escola um brinquedo seu de casa, numa sexta-feira a Thalita trouxe uma Barbie, chamou bastante a atenção das outras meninas, pois era uma Barbie noiva. Neste dia, eu levo as crianças para brincarem na casinha que há na escola, todos ficam sempre empolgados com os brinquedos dos colegas, há crianças que não querem emprestar, então eu tenho que intervir e lembra que é legal deixar o amigo também brincar com o seu brinquedo e tem que haver trocas, um brincar com o do outro e assim vou contornando os contratempos com aqueles que não quer dividir (emprestar) o seu brinquedo.

Quando percebi que algumas meninas se afastam para trás da casinha junto com a Thalita. Vejo-as puxarem a boneca da mão da Thalita que não queria dá a boneca. A Maira fala para ela. "Se você deixar brincar vou ser sua amiga". Algumas usavam seu poder de argumentação para conseguirem um brinquedo desejado. Neste momento tive vontade de não deixá-las brincar com a boneca da Thalita, mas como eu havia feito todo o discurso de repartir, dividir, falei para a Thalita brincar junto com elas e emprestar a boneca, elas podiam trocar uma com a outra e a Thalita aceitou brincar junto com elas, neste termo elas brincaram com a Thalita.

Mas, novamente elas acabam deixando a Thalita de lado, brincando entre elas sem conversar com a Thalita, isso novamente me irritou, pois na verdade eu queria que a Thalita não aceitasse esta situação. Pensei será que ela tem condição de aos 4 anos de idade avaliar tal situação de rejeição? As outras meninas sabem o que estão fazendo?

Esta questão me perturba bastante, pois fico pensando será que as crianças estão mais “ruins” ou se esta situação da Thalita de não conseguir se expressar verbalmente me incomoda.

Mas continuei observando, mas algumas vezes eu intervinha em prol da Thalita, outras vezes não, pois não sabia se seria a melhor atitude.

Pedi para a professora da manhã também observar e anotar as atitudes das meninas para depois conversarmos sobre esta exclusão das meninas com relação a Thalita nas brincadeiras.

Então fui conversar com a orientadora da escola, sobre toda esta situação.

Ela pediu que eu fosse intervindo com as crianças, mas que não exigisse a presença da Thalita, pois isso poderia ser pior. Que eu procurasse atividades onde a Thalita começasse as brincadeiras, como ovo choco, coelho sai da toca, danças, pinturas, mímicas...

Ela entrou em contato com o CETREIM, pedindo uma avaliação para Thalita e como ela poderia nos ajudar. Logo depois desta avaliação a Thalita começou a ir à fonologia duas vezes por semana.

Surgiu uma dúvida como eu poderia ajudar? Que as situações que a Thalita estava vivendo se continuasse no ensino fundamental?

Como eu poderia levantar a auto-estima da Thalita?

Ao terminar o primeiro semestre, antes do recesso a uma semana de palestra no município conhecida como ENEP (Encontro Nacional Educadores de Paulínia). Uma desta palestra foi com a Prof^a. Cleo Fantes com o tema BULLYING, eu fiquei interessada em participar desta palestra, pois

sabia que era algo onde uma criança que xinga , coloca apelidos pejorativos em outra criança e com isso ela se sente deprimida.

Fui à palestra prestando muita atenção em tudo o que ela falava e ia imaginando as coisas que poderia ainda acontecer com a Thalita e outras crianças.

Segundo Cleo Fantes, na palestra explicou o que era bullying:

BULLYING-conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, adotados por um ou mais alunos contra outro, sem motivação evidente, causando dor, angustia e sofrimento. Apelidos que ofendem (humilhação) e que a diversos tipos de maus tratos: físico, verbal, material, psicológico, sexual e o virtual.

Foi quando voltamos de férias em Agosto, minha surpresa foi que a Thalita estava pronunciando bem melhor as palavras, já conseguimos entender várias coisas.

Um dia eu estava sentada na frente do armário, onde as crianças colocam suas atividades e a Thalita veio e disse:

- “Sai Chele”

Fiquei tão feliz que dei um abraço e respondi:

“Sai, não, dá licença Michele”.

Outra situação que me deixou contente foi quando a Matheus disse:- “a Thalita fala de direito!” E o Marcos respondeu: “- Ela esta aprendendo temos que ajudar ela falar direito”.

No segundo semestre, eu e a minha parceira intervimos muito nas situações de “bullying” com a Thalita.

VI- OUTRAS SITUAÇÕES.

Também aconteceram, logo que voltamos de férias entrou um novo aluno em nossa sala seu nome Paulo ¹⁶. Este tem o cabelo comprido motivo de muitas “brincadeiras sem graça”.

Começaram as “gracinhas” na sala, agora os meninos começaram a chamar de “menininha, menininha”. Eu falava que ele tinha nome e que todos têm para que possa ser chamado.

Fui conversar com a mãe do Paulo para saber qual era o motivo do cabelo comprido, como ele veio de transferência de outra escola, não houve entrevista com a mãe, pois ela fez a entrevista na outra escola.

Ela me disse que foi uma promessa desde sua gravidez que só cortara o cabelo dele quando fizer 7 anos, hoje ele tem 4 terá que ficar mais 3 anos sem cortar o cabelo.

E foi o que expliquei, para as crianças que ele tem o cabelo comprido por causa de uma promessa que a mãe fez.

Com o passar dos dias, eles foram se costumando com o Paulo e seu cabelo comprido.

Mas até hoje (2007) continua acontecendo algumas “brincadeiras” principalmente chamando de menina ou de rabinho, pois quando esta muito calor ele vem com o cabelo amarrado. Mostra-se sempre tímido conversa pouco somente o necessário, brinca com os amigos, mas de maneira discreta sem muito destaque nas brincadeiras, é mais observador dos ambientes da escola.

Outra situação que aconteceu foi em outra escola, que lecionei no ano de 2007. Esta menina com nome de Bruna é uma menina muito bonita, carinhosa com todos e muito solícita com as professoras, gosta muito de ajudar, sempre companheira dos colegas, sempre integrada com as outras crianças, uma criança que aos 3 anos de idade, como a mãe nos contou na entrevista ela sofreu um acidente onde perdeu o olho direito neste acidente,

¹⁶ Nomes figurativos

usa prótese ocular, mas sempre usou e nunca houve qualquer problema com relação ao uso da prótese ou por usá-la.

Mais ou menos no mês de junho ela começou a faltar, depois de uns 5 dias de falta à mãe veio avisar que a Bruna havia feito uma cirurgia para trocar da prótese, e que viria na escola com tampão no olho porque a prótese demora alguns dias para ficar pronta.

Foi quando a Bruna voltou para escola com o olho tampado (com tampão próprio para os olhos), ao chegar observei que começaram a ri, pedi que parasse, fizemos uma roda e conversar sobre a Bruna, perguntei para ela antes se podia contar para os amigos, então contei para os amigos que ela havia se machucado quando pequena, ela havia subido na estante da casa dela para pegar uma revista e a estante caiu em cima dela e machucando o olho, por isso agora ela teve que fazer uma cirurgia de novo e para não entrar sujeira ela esta com o tampão no olho, continuamos nossa rotina, contagem dos alunos, colocamos a rotina na lousa (rotinas são cartazes que colocamos na lousa com figuras das atividades que realizaremos no dia ex: roda, brinquedo externo cavalinho, lavar as mãos, comer frutas, todos os cartazes com fotos representando o item escrito no cartaz).

Depois da roda fomos para o brinquedo cavalinhos, todos brincando, a Bruna estava brincando com os colegas quando voltou e falou que não queria, mas brincar, achei que fosse por causa do tampão devia estar incomodando, percebi neste dia que a Bruna ficou, mas retraída neste dia, mas não dei a atenção devida achei que fosse pelo seu estado pós-cirúrgico, passaram dois dias a Bruna faltou, voltou no terceiro dia, continua com o tampão, durante o dia vi ela várias vezes conversando com os colegas como acontecia normalmente, no outro dia a percebi bem calada, mas eu perguntava se estava tudo bem ela respondia que sim.

Mas, foi passando os dias a Bruna falta dois e vinha um, a mãe veio dizer que ela não queria vim mais para escola, mas não falava porque, falei para mãe que tenho observado que a Bruna estava cada dia, mas quieta, e que iria observar mais.

Eu observava, mas não conseguia perceber se era ela que estava se afastando dos colegas ou os colegas que estavam se afastando dela, ou se isso era mutuo das partes.

Um dia, estávamos brincando na quadra, que observei que um menino passou perto da Bruna e a chamou de pirata, ela abaixou a cabeça e sentou perto de uma árvore, junto com uma colega que também estava sentada lá brincando com areia.

Chamei o menino e perguntei o que ele havia falado para Bruna, ele não respondeu, quando estávamos indo para sala perguntei para Bruna, o que o Thiago havia falado para você, ela respondeu; que o Thiago não havia falado nada.

Pedi para monitora me ajudar observar o que as crianças estavam falando com a Bruna qual era o tipo de conversa, mas ela também só observou cochichos, alguns se escondiam muito para brincar e ficavam vermelhas quando chegava perto, muitas vezes se dispersando, foi quando estávamos brincando na casinha, eu estava dentro brincando com algumas crianças de comidinha, quando o Thiago e Paulo começaram a correr envolta da casinha quando escutei eles gritarem, “olho de pirata”, “olho de pirata”, o meu sangue ferveu chamei os dois e pedi para explicar o que estava acontecendo, não responderam ficaram quietos.

Eu não queria acreditar que eles estavam a fazendo aquilo com a colega, que até alguns dias atrás era a menina que tinha todos os amigos em sua volta, agora era excluída pelos colegas por causa de uma cirurgia.

Conversei com todos, muitas vezes sobre o assunto exclusão de alguém só porque ela é “diferente” (diferente do modo figurado, pois todos nós somos diferentes) deles, trabalhei bastante com relação o diferente que igual, das habilidades das pessoas mesmo sem uma perna, ou as duas, pessoas que não falam, e vários outros tipos de pessoas que possuem dificuldades físicas ou intelectuais, mas conseguem realizar várias atividades melhores do que as pessoas tidas como normais.

Depois de muitas conversas e depois que a Bruna voltou a usar a prótese no olho, eles voltaram a tratá-la como antes, uma amiga de todos. O que percebi foi que a relação das crianças com a Bruna foi uma relação de estética, pois como vivemos num mundo onde o símbolo de beleza é fundamental na sociedade e as crianças já tem isto impregnado nos seus conceitos.

CAPITULO V O QUE DIZ OS AUTORES SOBRE OS RELATOS.

5.1 O QUE DIZ OS AUTORES SOBRE OS RELATOS.

Ao fazer a pesquisa bibliografia e a retomar os meus relatos do dia-dia, pude perceber que os pesquisadores que vêm denominando bullying se tratam de uma nova denominação para as relações de poder e de violência simbólica existente na escola ou mesmo na sociedade.

Primeiramente podemos observar como a escola do século XXI continua com a mesma estrutura do século XVIII, o panopticon é um local onde se distribui os indivíduos no espaço. Mesmo sendo uma escola de educação infantil. Onde as crianças são divididas por idades, como já relatei anteriormente as crianças são divididas por níveis I, II e III de acordo com as idades nível I crianças de 3 anos, nível II crianças de 4 anos e nível III crianças de 5 anos. Podemos observar que devido à realidade sócio-econômica presente, os pais vêm se distanciando cada vez mais do papel de educar seus filhos, reduzindo significativamente a idade que vão para a escola. Cada individuo no seu lugar; e em cada lugar um individuo.

”O espaço serial transformou o espaço escolar numa maquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. O rigor do horário sempre caracterizou as escolas, as oficinas, os hospitais”. (Guimarães apud Foucault,1996,pp32)

As técnicas de separação dos sujeitos na escola abrem brecha para um tipo de saber específico acerca do homem. Ao vigiar e ao conhecer cada aluno, a escola se torna um local importante de observação para o sistema convencional. Anotar os desempenhos dos alunos em cadernetas ou relatórios individuais se constitui numa prática que implica em manter os alunos sob olhar permanente. Com isso, o ato de vigiar fica inserido na essência da prática escolar. Documentar individualidades se traduz em um eficiente meio de controle, de dominação dos alunos, na escola, por intermédio da observação

destes. A vigilância se constitui no suporte básico das práticas políticas disciplinares para formação dos domínios do saber.

Como podemos observar Foucault, nos mostra como a escola tem suas características na prisão, tanto na arquitetura como nas rotinas diárias, rotina estas de aprendizados e tarefas a serem cumpridas. O indivíduo muito novo, é adestrado para participar nas diversas instâncias do sistema de produção. O tempo de sua vida infantil é moldado dentro das prerrogativas das atividades que ele deve realizar na escola, pois este aluno ficará na escola em período integral e tendo sua permanência vigiada continuamente, é o meio que torna possível o pleno controle, pois terá duas professoras, uma período da manhã, outra no período da tarde, mais uma monitora que permanece como uma segunda vigia, pois caso seja necessário sua presença é acionada.

A estratégia do tempo é um dispositivo de poder que abrange todos os níveis da instituição escolar controlar tudo.

Como já relatei posteriormente no começo de ano letivo de cada aluno, os pais ou responsáveis pela criança passam por uma entrevista. Nestas entrevistas são feitas perguntas, como onde mora? O que come? Qual o comportamento da criança com criança? Ou com adulto? A escola procura saber da rotina e do comportamento desta criança em casa.

A escola estabelece diferenciação de comportamentos individuais, apontando eficazmente quem é o marginal, o favelado, o maloqueiro, colocando nestes a causa dos problemas disciplinares. (Guimarães apud Foucault, 1985, pp32)

O poder que penetra na escola é o discurso de fora, autorizado reconhecido por todos, principalmente pelos pais.

A escola é um local, como vimos onde o poder panóptico se efetiva mediante o cumprimento de algumas funções; o controle do tempo, o controle dos corpos, pois as rotinas são sufocantes, onde crianças de 3 anos são obrigadas a cumprirem horários rígidos. Nas instituições panópticas, o indivíduo é abstraído do tempo de sua vida.

O poder está presente nos mais fino mecanismo de intercâmbio social: não somente no estado, nas classes, nos grupos, mas ainda na moda, espetáculos, relações familiares e privadas, nos impulsos libertadores que tenta, contesta-los chamo de discurso de poder todo discurso que engendra o erro, por conseguinte culpabilidade daquele que o receba. A luta a ser travada, portanto não é contra o poder, mas contra os poderes múltiplos, recorrentes, perpétuos no tempo histórico. (Foucault, 1977)

Para Foucault, o poder não é considerado como algo que o indivíduo rejeita a um dominador, mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades.

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras”, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos [...]. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (Foucault, 1977, p. 135, aspas do original).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dias deparamos com cenas de violência e agressividade.

Quando essas questões se tornam reais no âmbito familiar ou escolar e envolvem diretamente nossos filhos e alunos, é hora de entender esse mecanismo. Bullying é um comportamento ligado à agressividade física, verbal e psicológica. Educar é produzir e utilizar condições favoráveis à mudança na maneira de pensar, sentir, agir e de ser do educando, favorecendo seu desenvolvimento como pessoa, ajudando-o em seu empenho de ajustamento ao meio em que se encontra, mas, na perspectiva de um ajustamento que não seja passivo no mundo por ele habitado, feito pelos que o precederam na história e na vida.

O que se pode deduzir das diversas pesquisas nessa área é que não existe uma única variável ou algumas variáveis simples que possam ser consideradas indícios seguros do surgimento de comportamento agressivo e violento na criança pré-escolar, senão, uma combinação de variáveis implicadas no desenvolvimento e na instauração dos problemas de conduta. Para alguns pesquisadores os fatores mais significativos seriam o temperamento da própria criança, os problemas na relação mãe-filho, as condições socioeconômicas e o substrato biológico (Sansom, 1991).

Gostaria de finalizar, pois, esta tarefa, analisando as mudanças ocorridas em minha trajetória como professora.

Quando pensei na possibilidade de realizar uma pesquisa sobre a bullying e suas relações com a Educação, possuía apenas uma vaga noção dos elementos que iriam compor este trabalho: uma percepção apenas preliminar do fenômeno em seus dados empíricos, uma perspectiva teórica ainda simples, uma grande ansia em compreender os conflitos que se evidenciavam no cotidiano escolar no tocante à violência psicológica que circundava a escola; a agressividade entre os alunos etc., mesmo sendo na educação infantil.

Possuía, por outro lado, uma convicção de que pesquisar a violência no campo educacional poderia trazer contribuições diretas aos

trabalhos desenvolvidos na escola e, decisivamente, ao meu trabalho como professora.

Compreender os contornos da violência implicava diretamente em compreender as relações de sociabilidade entre os alunos e destes com profissionais da escola (professores, funcionários e direção), a forma pela qual estes alunos estabelecem as suas relações com esta escola e como, profissionais se relacionam com estas crianças.

Antes de iniciar a pesquisa sobre violência, um dos aspectos que me pareciam bastantes perturbadores na escola dizia respeito à forma pela quais alguns professores enxergavam a agressividade e violência no interior da mesma e como concebiam as posturas e atitudes que precisavam ser adotadas pela escola para enfrentar tais questões.

Desde já, percebia que algumas soluções vinham ao encontro de uma busca da harmonia na escola; determinadas soluções ou propostas eram apresentadas de forma a buscar um funcionamento verdadeiramente harmônico da escola.

Percebo, hoje, que as questões e as soluções apontadas pela escola necessitavam (e ainda necessita) de uma discussão mais aprofundada. Em primeiro lugar, a busca da harmonia me parece uma ilusão inocente: esperar que a escola funcione segundo um equilíbrio pressuposto a partir da concepção unilateral de seus profissionais é estabelecer objetivos inatingíveis. Como diz Foucault a escola sozinha não conseguiu mudar as relações de poder, pois pais na sua grande maioria são fiadores eficazes das normas escolares e sociais; professores eles que sabem, ordenam, julgam, anotam, punem; alunos acabam através do aprendizado da competição, julgando uns aos outros, a escola ensina a delação. E muito comuns alunos considerados “bonzinhos” delatarem os outros que conversam muito. Aceitar o poder de punir e ser punido parece ser uma prática natural entre os alunos que acabam julgando uns aos outros, segundo critérios previamente estabelecidos pela escola. A escola não conseguiu que os sistemas mudem enquanto não houver uma conscientização da sociedade, dificilmente a situação será alterada.

Nas relações do poder coercitivo, a violência entra sob a forma de punição, nos casos em que a ameaça não surtiu efeito. A violência punitiva atinge condutas desviantes previamente definidas, com intervenções físicas de valor preestabelecido, o que permite o cálculo de custas da desobediência. Os modos de exercício do poder são múltiplos: persuasão, manipulação, ameaça de punição, promessa de prêmio etc. Relações de poder coercitivo baseadas em sanções diferentes da força, como prejuízo econômico, destituição de cargo, por vezes são chamadas violência, o que, porém, está em desacordo com o uso do termo na literatura política e sociológica. Essas relações de poder devem ser chamadas coerção.

Ou como sugere Guimarães (1996) ao afirmar que toda harmonia é composta de conflitos, pois confronta-se com a heterogeneidade, sob suas diversas formas. Esta parece ser a dimensão do problema que não é percebida pela escola. Não é possível falar em superação absoluta dos conflitos e sim, em formas através das quais possamos gerir tais conflitos, fazendo com que haja o desenvolvimento de forças tanto agregadoras como antagônicas (incluindo aí a perda, o desgaste, os conflitos, os excessos) sob todas as suas formas. (Guimarães, 1996 pp.15).

A escola é um instrumento, também ideológico, que produz poder, organizado por intermédio da vigilância; uns poderes múltiplos, anônimos e automáticos que atua sobre os indivíduos, colocando em funcionamento uma rede de relações.

“Na escola, puni-se e vigia-se para padronizar comportamentos, na escola e na prisão, de acordo com, a disciplina é recompensada pelos jogos das promoções, que permitem estabelecer hierarquias e lugares; puni-se rebaixando e degradando. Foucault nos ensina que o poder de punir não é essencialmente diferente do de educar. O bom aluno, por esta ótica é aquele que é dócil, servil e não depreda a escola, não faz pichação e nem outros atos vândalos. O controle dos desvios dos alunos, enquanto indivíduo é o que a escola visa”.(Guimarães apud Foucault pp45).

Para Foucault o poder esta presente nas relações humanas e se apresenta de várias formas. As relações de poder são móveis, podem se modificar podem se inverter, mas para isso é preciso que os sujeitos sejam livres. *"Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se torna um objeto sobre qual ele possa exercer uma violência infinita e ilimitada, não haverá relações de poder"*. Não há relações ou convivência sem o poder, pois o mesmo é sutil, micro físico e a todo o momento estamos legitimando e produzindo mais poder, pois ele permeia é intrínseco.

A violência entre pares, é um fenômeno tão antigo quanto prejudicial, que pode deixar marcas profundas na vida de um escolar. Apesar dos educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para o seu estudo sistemático até princípios dos anos setenta (Fante, 2001).

Para Arendt: *"A prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento"* (1994 p. 58).

Denominarmos tia ou designar de "maternal" um dos ambientes educativos são resquícios e sinais de que a educação ainda é compreendida como extensão do mundo familiar e, portanto, como espaço da violência.

A professora escolar precisa levar em consideração a "normalidade" de algumas transgressões dos alunos, sobretudo, considerando o aumento número de pais negligentes e sem vocação para verdadeiramente educar os filhos. A escola contemporânea convive com o dilema: educar e/ou ensinar? Deve "ensinar as crianças como o mundo é" ou "instruí-las na arte de viver?" (Arendt, 1973).

"Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, ela conduz à desaparecimento do poder" (Arendt 1994, pp.44). *A violência pode ser justificável, mas nunca será legítima. Sua "justificação perde em plausibilidade quanto mais o fim almejado distancia-se no futuro"* (Arendt 1994 pp. 41).

Este trabalho se se fixar num contexto de pesquisas acerca das relações de entre as crianças e aborda aspectos da convivência coletiva de meninos e meninas na educação infantil.

A minha opção em pesquisar crianças de pouca idade, é por ser a minha realidade, pois faço parte do deste contexto, neste caso, a faixa etária de quatro a cinco anos, atribuir uma maneira de desafio à própria investigação, tendo em vista a reduzida bibliografia disponível sobre a violência entre crianças.

Vem sendo discutido no Brasil um esforço em definir a especificidade da educação de zero a seis anos e o seu papel no campo da educação, tomando como base: as características, as necessidades e os direitos das crianças pequenas, que acreditamos possuírem diferenças em relação aos sujeitos adultos; o perfil das profissionais, através do aprofundamento das semelhanças e diferenças em comparação às professoras do ensino fundamental; *“a articulação da Pedagogia com as políticas públicas para a infância, incluindo nesse debate a diversidade de culturas e as disparidades econômicas e sociais, que vêm, historicamente, constituindo a nação brasileira”* (Caprera apud Rocha 2005).

A escola é um local estruturado e possui regras definidas. Em algumas falas pode-se observar que os professores colocam a falta de limites como fator que desencadeia o desrespeito dos alunos em relação a ele e não manifesta a crise da autoridade que afeta a profissão docente, como um dos fatores. A questão da autoridade docente é um aspecto crucial quando se estuda a violência no meio escolar.

Mas, nós professores de educação infantil deve ter claro que a aprendizagem da autonomia e do respeito entre as pessoas, fundamental nessa etapa, o respeito é uma habilidade básica e imprescindível para a convivência democrática em um plano de igualdade e implica a idéia de dignidade humana e de reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa, estimular o dialogo e respeito, resolver conflitos de forma não violenta, expressar sentimentos.

Quem tem autoridade é detentor do direito de mandar e exercer o poder; os que a ele estão sujeitos, do dever de obedecer. Segundo Jovenel, comandar e obedecer é da essência do poder (Arendt, 1994 pp. 32).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVAY, M. **Violências no cotidiano das escolas**. In: Escola e Violência. Brasília: Unesco, UCB, 2002.

_____. **Escola e violência** / Miriam Abramovay et alii. – Brasília: UNESCO, 2004.

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO. Instituto Ayrton Senna. UNAIDS. Banco Mundial. USAID. Fundação Ford. CONSED. UNDIME. 2004.

ABRAMOVAY, M; AVANCINI, M. F. **A violência e a escola: o caso Brasil**.

Disponível em: <http:

//www.ucb.br/observatório/pdf/a%20Viol%C3%Aancia%20e%20a%20Escola.p

df> Acesso em: 06 jul. 2006. ABRAMOVICH, Fany (ORG).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1989;

ARENDT, Hannah, **Condição Humana** / Hannah Arendt; - Rio de Janeiro :Forense Universitária 1995

_____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1994.

BOURDIEU, Pierre, **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu ; tradução de Fernando Tomaz. -Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; Lisboa, Portugal : Difel, [1989].

CAMACHO Thimoteo (organizador) ; texto de: Octavio Ianni...[et al.]. -**Ensaio sobre violência : reflexões sobre a violência, violência de gênero, violência no cotidiano escolar, à violência no Espírito Santo** /Vitória : EDUFES, 2003.

CAMARGO, Carolina de Oliveira Giannoni.**Brincadeiras que fazem chorar: uma análise de alunos agressores na perspectiva do fenômeno bullying** / - Trabalho de conclusão de curso. Unicamp.Campinas, [SP; s.n.], 2006.

CAPRERA, Aline Luci Inacio. **Violência na escola: uma análise de diferentes vozes e posições sociais** / Aline Luci Inacio Caprera. –Trabalho de conclusão de curso. Campinas, [SP; s.n.], 2005.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias. [online]. jul./dez. 2002, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016&lng=es&nrm=iso&tlng=es

COLOMBIER, Claire. **A violência na escola** / Claire Colombier, Gilbert Mangel, Marguerite Perdriault ; tradução de Roseana Kligerman Murray. -São Paulo : Summus, 1989.

- CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying como combatê-lo**. Ed. Itálio Nova 2004.
- CORREIA, Jose Alberto e Matos, Manuel, **Violência e violências da e na escola** [Orgs.]. -Lisboa: Afrontamento, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **Violência Psicanálise**. Rio de Janeiro Graal 1984
- DEBARBIEUX Eric e Blaya Catherine (orgs.) ;**Violência nas escolas e políticas públicas** / tradução: Patrícia Zimbres. –Brasília, DF:UNESCO, 2002-
Dez abordagens europeias/
tradução: Patrícia Zimbres. -Brasília, DF : UNESCO, 2002.
- FRIEDMAN, Adriana. **Violência e Cultura de Paz na Educação Infantil**.
http://www.nepsid.com.br/artigos/violencia_e_cultura_de_paz.htm
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas-SP: Versus Editora, 2ª edição, 2005.
- FOUCAULT, Michel, **Vigiar e punir: nascimento da prisão** / Trad. de Ligia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____ **Microfísica do poder** / Michel Foucault; org. e trad. por Roberto Machado. -Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 1996.
- _____ **A depredação escolar e a dinâmica da violência**. Campinas (Doutorado em Educação).UNICAMP. 1990.
- _____ **Vigilância, punição e depredação escolar** / Aurea M. Guimarães. -Campinas : PAPIRUS, 1988.
- GONÇALVES, Luiz A O. **Narrativas da Violência no Meio Escolar: Limites e Fronteira Agressão e Incivilidade**. In Pro-posições vol13 n3(39) set/dez 2002 pp85-98
- LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. **Teoria e pratica na educação : as relações de poder na escola** / Adriana Lia Friszman de Laplane. -Campinas [SP : s.n.], 1991.
- NETO, Aramis LOPES e SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não para o bullying - programa de redução de comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro/RJ: ABRÁPIA e PETROBRAS, 2003.
- MICHAUD, Yves. **A violência** / Yves Michaud ; tradução de L. Garcia. -São Paulo : Atica, 1989.
- Paredes, Eugenia Coelho **Violência: o que tem a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana** / Eugenia Coelho Paredes , Lea Lima Saul , Katia Simone da Rosa Bianchi. -Cuiaba: UFMT, 2006.

OLIVEIRA, Maria das Graças Pacheco e. **Percepção de valores e violências nas escolas pelos docentes do ensino médio**. Brasília/DF, 2003. 203 f.. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, 2003.

ORTEGA, Rosario e DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília/DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília) e Observatório de Violências nas Escolas (UCB), 2002.

SCHILLING, Flavia, **A sociedade da insegurança e a violência na escola** / Flavia Schilling; coordenador da coleção: Ulisses F. Araújo. -São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, A. A Violência de Pais Contra Filhos Procuram-Se Vítimas. 2ed. São Paulo. Cortez 1985